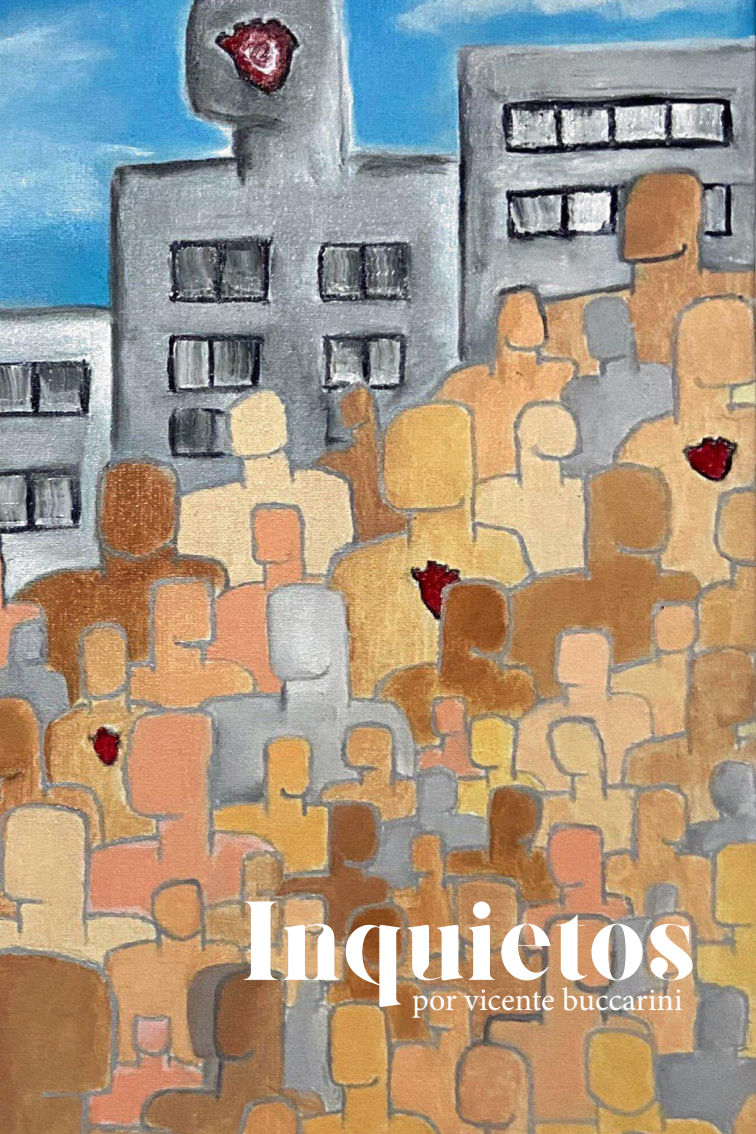




Inquietos

por vicente buccarini

Inquietos

por vicente buccarini

para todas as
pessoas que já amei.
e aquelas que ainda amo.

07
prólogo



59
arte



15
boemia



27
noite



49
tanto faz



72
fortaleza



61
amor



82
deus



Prólogo

“A fé nos consola de ter nascido pra morrer.” Mas a vida se mostra nela mesma, no toque, no riso... Outro dia, chorei. Chorei, pois vi em mim um recomeço. Sem cicatrizes, sem cortes, sem quedas; mas com os erros e as faltas. E fui feliz. Acendi um cigarro e fui para casa. Nem coloquei o gps, tive a convicção de que encontraria o meu lar, mesmo sem saber onde ele estava e achei., não apenas meu lar, mas a certeza de que sempre tenho para onde voltar.

Na primeira vez que reconheci o Outro, foi no condomínio Liege. Rua Senador Pompeu, seu endereço é no Benfica, bairro de Fortaleza, a poucas quadras da Avenida 13 de Maio.

Ficava no meu quarto, no 8º andar, à espera, paciente de coisa alguma. Ao olhar para a praça, algumas senhoras me esperavam como convite. Duas fumavam, outras cruzavam e descruzavam as pernas en-

quanto falavam sobre tudo o que acontecia nesse universo.

Olhando de cima, eu não sabia se queria descer ou voar. O mundo parecia tão pequeno visto daquela janela, mas, ao mesmo tempo, era grande demais para mim. Sempre que passava, era elogiado pela altura: “Não é cearense, vejo logo... De onde meu filho é?”. Respondia que era recém-chegado na cidade, estava cursando jornalismo na UFC e que era potiguar, comedor de camarão, mais precisamente mossoroense.

As senhoras na praça não sabiam, mas me salvavam um pouco a cada dia. Eu não ouvia o que diziam, mas me bastava saber que diziam. Sempre que passava, pedia a bênção, e recebia. Já fui prometido para tanto neto que nem saberia te dizer. Na época, o som do mundo ainda existia, mesmo que eu não fosse mais parte dele. Mas era o suficiente para eu ficar.

Passava por elas e via um canto sobrando, era o meu. Relutei algumas vezes

em me juntar a elas e dividir o cigarro. Até que um dia cheguei da aula cansado e parei, me sentei, pedi um trago e foi ali que aprendi que presença também é silêncio. Que, às vezes, não é preciso gritar para continuar existindo. Na verdade, quanto mais eu calava, mais me escutava. E naquela escuta surda, encontrei vestígios do que já fui: um menino que esperava que o amor viesse pelo elevador e apertasse o interfone. Nunca veio, mas a espera também me moldou. A ausência tem mãos habilidosas.

Hoje, entendo que o coração não pesa pelo que sente, mas pelo que guarda. E o meu, por muito tempo, foi depósito de palavras não ditas, amores não vividos e dores que não sabiam a quem pertencer. Quando finalmente virei Vicente, deixei de ser promessa e virei nome. Não porque tudo se resolveu, mas porque parei de correr. Me entreguei à vida como ela é: falha, incerta e, às vezes, boa.

No prédio, cada apartamento tinha

sua vaga de garagem e vagas rotativas eram disponibilizadas aos visitantes. O porteiro pouco se importava com quem entrava no condomínio, bastava chegar com o carro, que os portões se abriam.

Ficávamos todas comentando quem chegava e subia. Quem recebia mais visitas. Será que a moça do bloco 2A 503 continua namorando? Sabia de tudo que acontecia pelo prédio, “as câmeras” estavam sempre atentas. Devia somar mais de 400 anos se juntássemos as idades de todas. Eu ria, mas sempre ficava calado, ouvindo.

Até que certo dia quebrei o silêncio:

– Vocês só fofocam sobre a vida alheia... – Disse olhando para Helena.

A surpresa de Camila foi engraçada, acho que ela nunca havia ouvido a minha voz, Amélia continua:

– Mas a vida é isso, não? Olhar para frente.

– Olhar pra frente e pros lados pra ver quem passa. – Disse Tereza.

Bom, talvez a vida seja sobre olhar para frente, para os lados e escrever.

O que você está prestes a ler é o meu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará. É uma série de seis perfis que falam de encontros, histórias que falam desses Outros que passaram pela minha vida e ainda estão e são presentes. A partir disso, é possível fazer um desenho de uma parcela da população atravessada por Fortaleza. Foi com atenção e escuta, a mesma aprendida com as senhoras, que este trabalho foi possível.

Esses fragmentos de memórias não têm a pretensão de revelar verdades ou de representar toda a cidade, mas de iluminar parte de vidas que, quando colocados lado a lado, traçam um mosaico possível de Fortaleza. São trajetórias que passam despercebidas nas manchetes, mas que carregam universos inteiros dentro de si e que, ao serem narradas, ganham espaço, voz e permanência.

As entrevistas foram feitas das mais variadas formas que se tem para entrevistar alguém, seja em um bar, pintando um quadro, pegando um ônibus, deitado em uma cama e até por cartas. Tive o movimento de me reapaixonar por esses companheiros e companheiras que entrevistei. Às vezes, nós seguimos nossas amizades pelo conforto, pelo Amor... Foi bom lembrar porque dei e dou o meu Sim a eles.

Não tenho a pretensão de que você saiba tudo deles, mas que entenda os fragmentos de uma vida e aprecie uma história. Essas, contadas com a única coisa que eu tenho para dar: Amor.

Estes são os meus Inquietos.





Luís (*da boemia*)

“Eu não sou senhor do tempo,
mas eu sei que vai chover”
— Chorão.

De regata preta e bermuda, entra no carro, bate a porta. Tira os óculos, foi presente de seu pai. O carro dá partida e entra na avenida 13 de maio, que poderia ser narradora deste texto. O jovem de 20 anos poderia ter sua história contada pela rua. As paradas de ônibus, os bares de esquina e as calçadas descrevem esse rapaz que é, antes de tudo, da festa. Aquela que se faz ao ter abertura para o que pode ser vivido.

Desce no samba do Zé Bezerra, na rua Dom Manuel de Medeiros, altura 71, na central ampla de Fortaleza. Pouco depois do bairro Benfica, onde a boemia é óbvia. Coloca o presente paterno no rosto, e sorri para o movimento de gente, a cerveja de litrão, o sol, os carros que passam apertados entre as

pessoas na calçada. “Pode prestar atenção. Todo samba tem uma árvore por perto”. E tinha mesmo. No centro do quadro, a árvore se estendia com raízes longas no chão.

Após uma volta, ele se habitua ao espaço, até ver uma barraca que vendia pratinho e entrou na fila no mesmo movimento. Montou a refeição e já escolheu a mesa para se sentar. “Quando a boemia chama, o trabalhador vem.”

Luís, peço uma cerveja?

Uma jovem vai passando do outro lado da calçada, roupas leves, cabelo cacheado, óculos escuros. “Eu amo as mulheres. Umas muito mais.” Preocupado com a pauta do trabalho de mais tarde, começa a buscar por onde assistiria ao jogo de futebol. Trabalha com isso, e, no momento, pauta alguns repórteres, então se mantém atento ao que acontece no mundo dos esportes.

“Um time pequeno é grande pra quem torce.” É assim que ele se vê como pessoa, gosta de tratar bem o amor alheio,

a história alheia. Mas tem opinião forte. Luís gosta de quase tudo. Mas não gosta de gente falsa, que se acha mais importante que os outros. “Ao primeiro olhar, eu me passo por uma pessoa rasa, mas só sou igual”. Estar com ele é um convite a uma mesa onde todo mundo pode se sentar. E saber, também, que ele irá tecer algum comentário sobre você, caso se levante para ir ao banheiro ou fumar um cigarro. “Sou um homem que gosta de observar.”

O sol vai baixando, as pessoas vão tirando os óculos escuros e já se pode ver os olhos de quem passa. A boemia é marcada por esse flerte doloso. Conforme o samba aumenta, as vozes também. O pandeiro toca, as pessoas fingem tê-lo nas mãos, outros sorriem. “Opa, olha quem vem ali.” Luís encontra colegas de outros dias, outros episódios. Como um acordo silencioso, os boêmios entendem que faz parte do seu movimento de chegada, a hora de se mexer entre o espaço e se acomodar só depois. Se

cumprimentam e cada um segue caminho. Chega uma garçonete que o conhecia de outro bar. Os copos de cerveja se esvaziam e se enchem na mesma velocidade. “Ser boêmio é sobre dar abertura ao que pode ser vivido.”

Ter 20 anos e sentar-se em uma mesa de bar é um dos passos que alguns boêmios dão ao reconhecer que são um só. Que estão sozinhos em cadeiras, mas juntos nas mesas.

Na graduação de jornalismo, que acontece no Benfica, é nas quartas-feiras que Luís convida a todos para ir ao bar mais próximo. “Só tomar uma e ir para casa”. Um convite que virou costume, tradição.

Desde mais jovem, era nas quartas-feiras que saía com seus pais. Os adultos terminavam seus trabalhos e iam para algum bar da avenida 13 de maio. Luís pegava condução, ia pela calçada, pedia Uber e os encontrava. Aos 18 anos, descobriu que os pais iriam se separar. “O amor que tem finitude. O amor tem fim. Mas sempre há espaço

para reformas.” Ou deveria haver. A boemia que lhe havia criado se interrompia de alguma forma.

Foi nas primeiras saídas que começou a beber, a apreciar a história que lhe era contada e os segredos que ficavam nas mesas amarelas e cadeiras de plástico. Porque era isso, “eu gosto da quebra de protocolo, da quebra de rotina, de sair no meio da semana.” Luís presta atenção nas quebras de protocolo. O pai, que mal mexia no celular, começou a passar madrugadas na tela.

Encontra sua mãe no corredor de casa e pergunta, “Chifre, né?”, ao que recebe como resposta, “você... sabendo que você é inteligente, né?”. Estava dado o dilema. Como aprendeu, chamou o pai para beber num meio de semana dessas. Contou o que acontecia, o que sabia e afirmou não concordar. Mas começa a se entender que se está só, que os pais são dois e não um, que estavam todos tentando. Que cada componente da mesa é pessoa inteira, quase; o resto se en-

che de cerveja.

Após a conversa, pai e mãe deixaram de morar juntos uma semana depois; “depois de 18 anos de amores e dores que envolvem o presente”. Luís ainda sai com seus pais, cada um como sujeito, pessoa completa, e ele também.

Peço outra cerveja?

O gole desce mais rápido. Se as saídas de quarta-feira lhe eram marcantes, os finais de semana em praias do Ceará ainda são verão no coração. O que era marcado por lazer, agora é ocupado por trabalho. “Eu acho que o choque para mim foi muito nesse sentido, de entender minha vida como nova. Meus pais nunca mais estariam juntos.”

Ele percebe que não dá para se manter no desconforto. “Achava que ia ser para sempre essas abdicações que minha mãe fazia, ela já estava conformada com algumas situações do meu pai, que ia ser para sempre”. Mas ele entende que sempre é tempo de mudança, que pode ser mexido, remodelado.

Quando chega a um bar, pergunta qual cerveja está mais gelada e assim é escolhida. No meio da muvuca, muda de caminho por intuir que é o mais rápido ou o mais divertido. Sabe se achar no meio do estádio, da sala de aula, da redação. A vida do boêmio entende que abdicar não é rotina, mas que, pelas quebras, o amor respira.

Esse é o dilema de sua boemia. Essa arte só te dá a liberdade de ser quem se é. “Exercer quem você é, e estar sem amarras. A boemia é uma escolha, né?”. Ele é um homem que decide. Luís ajeita o celular sobre o balcão, levanta a buchudinha, “a cerveja mais prática da boemia”, e sorri, como quem já sabe que está sendo observado. A cerveja chega primeiro que as perguntas.

Debaixo do pé de árvore, ali, a sombra cobre os que dançam e protege os que apenas observam. “A boemia é isso: dar abertura ao que pode ser vivido, não ao que precisa ser vivido”, ensina.

Foi em um desses bares de meio de

semana que ele entendeu o amor de outro jeito. “Achava que amar era se doar até doer. Vi isso em casa. Mas com a Mel eu percebi que o amor pode ser confortável. Que dá pra amar e continuar sendo livre.” Ele ri e completa, “Amar é entender que erro não é fim, é processo. É tentar.”

A cada lembrança, um lampejo de ironia o salva da melancolia. “Não dá pra se manter confortável no sofrimento”, repete com uma convicção que parece ensaiada, mas é vivida.

“Eu gosto de gente. De observar. De entender como é que o outro funciona.” Talvez por isso o jornalismo o tenha encontrado primeiro. “O papel do jornalista é esse: falar de gente. Contar a história do outro.” Na mesa, o copo já está pela metade. A conversa é atravessada por um outro amigo que chega, abraça, fala alto. Ele interrompe, ri, “Nada mais “Luís” do que isso: ser interrompido pela vida.”

Peço outra cerveja?

Fortaleza é casa e personagem. “Sou cearense com orgulho. Não preciso ir pra São Paulo para ser grande. A gente pode ser grande aqui.” Ele fala com a mesma convicção de quem já encontrou o próprio pertencimento entre o bar, o estádio e a rua. Se pudesse, tatuaria a palavra Alencarina, “o que é uma terra sem os seus filhos?”

A noite já não é começo nem fim, mas um intervalo. Os lugares começam a se transformar nessa hora... As luzes ficam mais amareladas, a música mais alta e o ar mais leve. Luís encosta o corpo na cadeira. “Eu gosto do imprevisto. Acho que o que me move é isso, não saber o que vai acontecer. Se for tudo planejado, perde a graça.”

Ele olha em volta. Um casal se beija perto do banheiro, um cachorro dorme aos pés de uma mesa, alguém declama Belchior do outro lado da calçada. “A boemia é isso. É esse encontro de mundos. Ninguém vem pra fingir. Aqui a gente existe como é. Tem gente que acha que é bagunça. Mas pra mim,

é cuidado.”

Luís é um jovem que faz muitos amigos. Sempre se manteve como uma pessoa que gosta de estar nos grupos, mesmo sem ser o mais valoroso. “É quando você encontra alguém que te escuta sem pressa, que te chama pelo nome sem esperar nada em troca. A gente não se cura sozinho.”

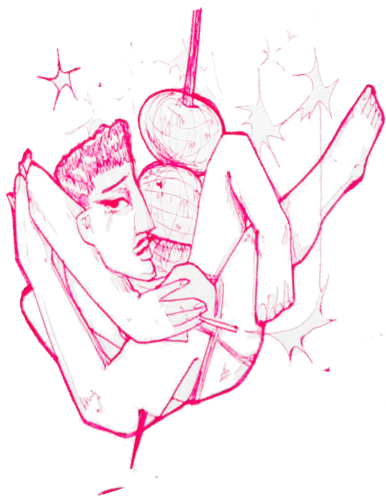
O bar mudou de forma. Ele fala sobre o tempo, que aprendeu a respeitar, depois de ver seus pais se separarem, após ver o amor mudar de lugar. “O tempo é uma entidade meio arrogante, né? Acha que cura tudo. Às vezes cura, às vezes só reorganiza a dor.”

Entre risos e lembranças, o relógio marca o que ninguém percebe: a hora do jogo e a precisão de assisti-lo. “Eu sou um homem em construção. A boemia é meu canteiro. É meu jeito de continuar vivo. Tudo isso aqui são meros devaneios tolos de um quase jornalista”

Luís se despede dos amigos e some

na multidão, como quem sabe que amanhã a vida tende a recomeçar. “Eu tento ser uma pessoa boa, sabe? Só tento”. O jovem entra no Uber e se despede da boemia, porque mais do que ela, Luís é da Tentativa.

Peço outra cerveja?



João Marcos (da noite)

“Ninguém abra a sua porta
para ver que aconteceu:
saímos de braço dado,
a noite escura mais eu”
– Cecília Meireles

João Marcos Silva Santos é um homem preto, tem o cabelo raspado bem baixo, num lugar onde sempre teve cachos. É filho de João Marcelo e Maria Marciana e divide o nome do pai com seus 3 irmãos. João Miguel, João Matheus e João Marcelo.

Por morar no Vicente Pinzon, ele sabe andar em todas as linhas de ônibus. Por ser pequeno, se enfia nos buracos que os passageiros deixam, o que facilita tirar seus cochilos dentro da linha 77 - Parangaba-Mucuripe.

Ex-graduando em Jornalismo e estudante de Economia pela UFC, João Marcos sempre gostou de escrever. Ele sente uma

coisa, coloca no papel e entrega ao seu destinatário.

Aqui estão alguns de seus escritos, que trocamos durante mais de um mês; eu mandava a pergunta e recebia a resposta. Boa leitura.

Carta 1: Quem é você na sua família?

João Marcos: Que pergunta violenta. Não sei como me introduzir nisso. Penso até em que ponto quero ser visto por eles. Não sei, esse é o meu jogo com o tempo, uma introdução. E me pergunto: família? Então seria quem eu sou no sofá da minha avó? Ou quem sou na cozinha da minha tia? Por que me apego à matéria e família se transforma em casa? Se é casa, então, cada membro é um móvel? Ou seria um cômodo? Família também me lembra ceia, final de ano. Porque, no fim, é sobre união, estar junto e o que se compartilha. Sinto que sou todos eles, sou o jeito que minhas primas riem, sou. Mulher, minha mãe

me parou enquanto eu estava escrevendo... minha avó também e, agora, uma mosca. Mulher, que raiva. Fiquei triste. Lembro que teve uma sessão que, aí, mulher, ela me falou que pareço ser uma pessoa que põe limites. Mas agora penso que foi violento da parte dela falar isso. Talvez porque isso me soa familiar... Então sou algo? Quem eu sou? Existe família? Algo familiar na luz. O que é ser? Como sinto que sei que sou? Quero sempre uma forma de me mover para todos os lados, por isso gosto tanto do papel, é como uma brincadeira. Ia muitos finais de semana para casa da Júlia (minha prima) e a “situ” era que eu gostava de brincar de Barbie. Era algo falado, posso ser o primo gay também...

Carta 2: Uma vez você disse que não acreditava em nada. Mas hoje, você acredita em alguma coisa, tem fé?

João Marcos: Algo me mantém de pé, isso é acreditar? Ou as coisas só acontecem? Res-

ponder perguntas é sempre difícil, o que preciso saber para dar a melhor resposta e se é sobre mim, como falar? Acredito no movimento do corpo, acredito que ele ainda vai voltar, acredito que posso ser seu desejo, por isso penso tanto na próxima palavra. Ontem de novo não consegui dizer “não”, fico com vergonha disso, estou cansado do “sim”, posso gozar de outra forma? A palavra fé ecoa sobre mim em busca de um símbolo ou uma forma, porque não acreditar parece assustador. Poderia dizer que acredito na chuva ou no amor, mas como falar disso se tenho medo, medo de estar novamente de frente para o inexplicável e se isso for acreditar, acho que seja; acredito que a chuva vai alcançar a mim e me tornar vivo de novo, não consigo mais dançar na pista, sinto o peso da existência e com os limites do corpo. Gosto da minha vida, mas odeio a insatisfação de ter a vida que sonhei e ter que sustentar isso. Sim, sonhei essa vida, acredito no tempo.

Carta 3: Você disse que o seu gozo só vinha no sofrimento, como é isso?

João Marcos: Eu era mais melancólico. Existe o gozo que vem do sofrimento, me pergunto qual a relação do gozo e do prazer. Talvez eu tenha tentado gozar no sofrimento, como um coração partido, ainda penso no romance, no sexo. Queria estar livre disso, não ter corpo, sem sexualidade, mas gosto quando você me olha. Existo. Como gozar por não poder tocar o objeto desejado, quero falar sobre nós. Onde você deixou meu coração? Essa é a busca, encontrar meu coração.

Carta 4: Você já conheceu o amor? Como ele é?

João Marcos: eu li, mas não li todo, mas eu li, acho que os dois ou três primeiros capítulos de “Tudo Sobre Amor”, de Bell Hooks. Lá ela fala sobre amor ser uma ação. Eu tô pegando essa viagem de que o amor tem um

movimento, sabe? Tipo o Amar. Eu sinto que eu estou nesse movimento. Porque antes eu sempre pensava sobre amor no lugar de “eu sou amado”. Me colocar nessa posição. Agora eu penso muito no amor que eu estou dando, o que eu estou amando. As pessoas que eu amo. Como eu demonstro o meu amor. Na verdade, eu acho isso meio frustrante, porque existe também no amor, para mim, uma questão de aquilo que eu sinto por uma pessoa e o que eu consigo de fato demonstrar, entende? Me sinto às vezes frustrada, uma frustração do amor. Enfim, mas eu acho que faz parte. Fico me perguntando se o amor que eu sinto, então, é o que demonstro. Ou tipo, só o que eu sinto já é o amor em si. Não sei... Acho que é isso que eu posso entregar nesse momento.

Carta 5: Você já se sentiu estrangeiro de si? Como foi habitar num corpo que não parecia ser seu?

João Marcos: Como foi habitar num corpo que não... Nossa! Tenho uma questão muito grande, porque eu tenho essa questão com a minha imagem, então realmente olhar para mim, olhar no espelho, para mim, é um pouco esse sentimento de me achar um estranho e de não me conhecer. Penso muito sobre como é esse aspecto físico que também espelha a minha perspectiva mental de como eu me sinto em mim. No sentido de que eu me sinto, de certo modo, deslocado, mas eu penso que é algo também muito de como eu vivencio as coisas. Eu sempre me frustro muito com os meus limites. Isso, de alguma forma, me faz parecer desconhecido para mim. Tem coisas que eu sinto que eu super acho que eu consigo lidar, até que as coisas acontecem e eu vejo que eu não sei lidar... Então, eu entro de novo nesse pensamento de não saber o que eu sou e de me sentir estranho.

Carta 6: O que você faz com as coisas não di-

tas?

João Marcos: Algumas muito “babadas” viram sintoma. Mas é porque eu sinto que acabei me condicionando a não falar. Assim, inclusive, eu acho que eu me tornei uma pessoa muito mais silenciosa. Com isso acho que entra um certo lugar de comodismo, um comodismo no silêncio que de alguma forma me faz sentir cansado. Muitas vezes, saber que o que eu possa falar, dependendo do que eu vá falar, vai ter outra reverberação na outra pessoa... E isso é uma situação com que, às vezes, eu não quero lidar, não quero lidar com o que eu tenho a dizer. Penso, será que eu não consigo dizer ou eu não quero dizer? Tipo, eu prefiro o silêncio. Enfim, agora eu venho tentando falar, mas o que eu queria, realmente, era voltar a escrever mesmo. Quando eu escrevia, as coisas fluíam mais. Até porque eu sinto que eu sou uma pessoa intensa, então às vezes, o que eu tenho a dizer naquele momento, talvez não seja a me-

lhor colocação. E aí eu, quando eu escrevo, eu sinto que eu consigo me conectar de novo com o que eu estava sentindo

Carta 7: Você acredita que a saudade é uma forma de permanecer ou de ir embora de uma vez?

João Marcos: Saudade, acho que é permanecer. Porque existe um pouco de paixão na saudade no sentido de que quando a gente sente, eu não sei, eu sinto saudade do meu Ensino Médio, mas eu não acho realmente que o meu foi bom... Mas existe uma saudade daquilo, então, existe uma fantasia de que naquele momento eu fui uma coisa, agora eu sinto que eu não sou mais e aí vem uma saudade. Ou, por exemplo, quando eu sinto saudade de uma pessoa e eu percebo que é muito mais do que isso, não é mais tanto sobre a pessoa, porque eu reconheço que quando o tempo passa as pessoas mudam. Vamos supor, eu sentir saudade de uma pes-

soa, não significa que a pessoa de quem eu sinto saudade seja a pessoa que ela é hoje, as pessoas mudam, enfim. Então, eu acho, mas eu acredito sim que é uma forma de permanecer e uma forma também de talvez continuar amando. Só que à distância.

Carta 8: Se a cidade fosse um corpo, em qual parte dela você moraria?

João Marcos: A primeira coisa que apareceu na cabeça foi a pele. Então, o que seria a pele numa cidade? Não sei. Mas eu pensei em um canto longe, um canto longe, ainda dentro da cidade, mas um canto assim que eu tivesse silêncio, porque essa é uma coisa que vem me incomodando, é uma coisa que me incomoda nos cantos assim, quando eu vou na casa das pessoas, é algo que eu penso. Porque a cidade é barulhenta. E aí tipo morar perto do centro, 13 de maio... tem barulho... Somos jovens, né? Então tem um pouco esse negócio de “aí morar no centro”, “perto de

tudo”, tudo muito badalado. Só que isso me estressa. Tipo, isso me estressa. Isso me estressa. Me estressa, me estressa vizinho barulhento. Então, isso são coisas que também me incomodam muito. Então, eu moraria numa região assim, com poucos vizinhos, uma região assim da cidade com ainda muitas casas, poucos comércios, tem uma parte ali para dentro do Luciano Cavalcante e uma região ali também no Cambeba.



Lorena (da arte)

“Versos vagabundos mas são meus”
– Murica.

A luz suave de um palco imaginário se acende. No centro, uma tela grande, ainda branca. Lorena ajeita o pincel entre os dedos. Aliás, tudo nela é lilás, quase roxo. A bolsa, o estojo de lápis; a não ser quando ela aparece completamente vestida da cor. Ela pinta, escreve e dança balé, no meio dessas e das coisas aleatórias, ela se encontra. Ela pode até ter medo, mas não consegue mais evitá-lo, porque ela é isso também.

Nesse palco, o sorriso dela é personagem, chega antes da protagonista. Ao entrar em uma sala com várias pessoas, o seu rosto é o que sempre nos recebe com gentileza e amor. A primeira vez que o vi foi na aula de jornalismo. Conta histórias na velocidade que pensa, como pinceladas impres-

sionistas, rápidas e soltas na tela.

Quando escolheu o curso de jornalismo, descobriu que escrever não era um processo que vinha fácil como o de contar histórias. “Eu ficava mal por achar que o texto dos outros era melhor, que o meu era insuficiente”. Escrever exigia que ela se olhasse como quem encara um espelho sem carinho. Era cobrança demais. Comparação demais.

Mas um dia, escrevendo para organizar a própria bagunça, entendeu que a escrita também é cura. “Escrever é colocar pra fora.” Hoje, ela não foge mais do que sente. Ela continua com medo, “mas agora eu vou ver no que dá”.

Na luz, uma marca de tinta lavanda se revela. E escorre até a ponta da tela.

No meio dos escritos, entendeu que quando se quer fazer algo, deve se fazer e, talvez, este seja seu gesto mais corajoso. Entender o que se deseja. “É muito fácil quem não me conhece me chamar de monótona”,

no meio de tanto lilás e cobrança. A palavra “Monótona”, disseram, já a feriu. Tentaram reduzir o que é movimento. Hoje, caso tentem explicá-la com uma palavra só, estarão fadados ao erro. Não cabe.

Mais uma pincelada. E um fundo de púrpura toma forma.

A sua monotonia é marcada pela tentativa, porque ela é uma mulher que já tentou de tudo. “Sou viciada em hobbies”. A pintura, paralela à escrita, virou um refúgio sem exigências, uma brincadeira que aceita o erro como parte do espetáculo. “Às vezes erra, mas nem é sobre isso”, lembrando do mantra de Bob Ross, “Não há erros, apenas acertos infelizes”. “Acho que a arte me faz ser mais gentil comigo. Quando eu deixo.”

A tela recebe um traço que parece um passo girado. Lorena coloca o longo cabelo para trás da orelha, a pele branca é destacada pela luz. Ajusta o relógio. Levanta as sobrancelhas bem desenhadas. Coluna reta.

A sua postura é de bailarina. Foi aos

10 anos que entrou na arte, “quando eu era mais nova, o balé me cobrava. Eu me cobrava. E era pesado”. Se cobrar faz parte da sua vida, na sala de aula, na redação, nos palcos. Entre um ato e outro, Lorena aproveita para chorar no meio de tanta cobrança. Nesses lugares e pelos outros.

Largou o balé aos quinze. Passou a entender que não dá para se levar sempre a sério. E insiste em voltar agora, adulta. Talvez os giros sejam mais engraçados do que dramáticos. Ela erra passo e gargalha, dropa a elegância e segue dançando. “Hoje eu danço para me divertir. Eu mereço isso”.

No palco, o pincel troca de mão. A tinta encontra um novo ângulo de luz. E um tom de pervinca é adicionado ao projeto. Descansa o godê e deixa as mãos trabalharem.

Lorena gosta de coisas simples: amigos, rotina, passear por aí... Gosta também de chorar na frente deles. Sem vergonha, sem filtro, sem precisar pedir descul-

pas por sentir. “Deve ter alguma coisa que nos liga aos nossos amigos além de gostar, neh?!”. Não é amizade só porque deu certo. É amizade porque, se desse errado, ainda assim haveria vontade de continuar.

Na adolescência, no meio de um jogo, virou para um amigo e perguntou: “Me diz uma qualidade minha?”. Surgia o desconforto de se olhar sem reconhecer o que via. Ao que respondeu: “Prestativa”. E naquele instante ela acreditou. “Eu descobri que era uma qualidade. E que eu realmente sou assim.” Ela é uma amiga com quem se pode contar.

Quando terminei meu último namoro, Lorena saiu de sua casa, atravessou a avenida Bezerra de Menezes, Jovita Feitosa e Treze de Maio e foi até a minha com folhas A4 de papel craft e giz pastel oleoso. Bairros bem distantes, mais de meia hora de carro, era domingo. Sentou-se na mesa e pintou, a rapidez das coisas passou, os desconfortos diminuíram, as cobranças cessaram, e dois

amigos se encontraram.

Lorena se dá conta mais uma vez, “eu sou prestativa”. Ela presta atenção, como quem ama. O processo continua. “Eu tenho esse momento de me achar... várias vezes no dia. No mês. Me achar em mim mesma”.

A artesã ajeita seus recortes para colar sobre a tela arroxeadada. A melhor parte de um trabalho, para ela, é a que dá para se divertir.

No prédio onde cresceu e ainda mora, continua convocando as pessoas para brincar. “Eu fui criança até onde deu”. Mas o riso denuncia, dá até hoje. Era ela quem organizava os jogos, definia regras, distribuía papéis. Isso fez com que sempre a tratassem como a responsável do grupo. Mas a verdade é que, mesmo sendo a que cuida, Lorena nunca deixou de ser aquela criança. “Nosso artista interior é uma criança”.

A tinta salpica o chão. Já tinha tantos tons de cor que surgia uma nova a cada instante. Ser adulto não anula o brilho da in-

fância, a fantasia.

Quando era bem pequena, já artista, decidi que tomaria sol na janela do 3º andar de seu prédio. Pegou um travesseiro, se aconchegou no parapeito, fechou a cortina e a janela. Os vizinhos gritavam para sua mãe, que resgatasse a menina de laços lilás.

Entre essas e outras que contam suas artes, há histórias que atravessam a memória com delicadeza, mesmo doendo. Como a madrinha Débora. “A minha família sempre disse que nós duas éramos iguais”, conta tocando no relógio que hoje carrega como herança. Débora se foi cedo demais, vítima de um AVC. E Lorena aprendeu ali que o tempo não negocia.

Ela respira antes de traçar outro risco. A tinta seca menos rápido do que a saudade.

Ficam os vínculos, ficam os objetos, ficam as referências. Fica a certeza de que cada pessoa está vivendo pela primeira vez e, portanto, merece perdão. “Hoje eu enten-

do meus pais. Eles também estão tentando. Estão se descobrindo.” Ela sorri ao dizer que a família acredita mais nela do que ela mesma, coisa de caçula, é a parte mais nova de uma casa com quatro, sua mãe, pai e irmã. “Meu pai só tem duas regras: nada ilícito e que não posso andar de moto.” O que sempre gera uma piada: “Davi tem moto.”

Com Davi, seu namorado, ela aprendeu a viver o amor como parte do cotidiano. “Quero alguém que entre na minha rotina, que entenda a minha monotonia. Porque se não for assim, não vai me amar.” A simplicidade se torna uma exigência.

Na borda da tela, o pincel descansa por um instante. Ela se levanta, olha o quadro ao longe e percebe que está quase onde quer chegar.

Lorena adora brincar com as palavras. Ama citações. Lembra do que disse Cida, nossa professora, “quem tem que acreditar na minha felicidade sou eu”. E essa frase a sustenta nos dias em que falta o chão.

“As pessoas não são obrigadas a me entender”. Nem ela mesma se entende sempre. “Eu não sou uma Lorena definível. Mas não tem como ser além de mim. Eu sou eu.” Não há ponto de chegada. Ela é o fluxo.

“Eu só quero continuar descobrindo quem eu sou. Sem pressa.”

Talvez, se olhar com atenção, ela esteja se pintando o tempo todo. A tela está sempre inacabada, como a vida. Molhada de futuro. A artista se encosta no quadro.

Porque quem observa direito percebe que Lorena não cabe em monotonia alguma. Se há teatro, é porque a vida pede participação. Lorena é da arte, mas também do tropeço, do texto que nasce torto e se endireita no caminho. É criança, mulher e cronista do próprio coração.

Como a arte, reinventa o cotidiano e se torna inesquecível. Ela busca o mundo dentro de si, colorindo-o com suas pequenas coragens.



Vanessa
(da incerteza)
(do tanto faz)
(da família)

“Nada é mais comovente
que reatar um fio rompido,
reaver uma identidade perdida,
reassistir ao terror e lhe sobreviver.”
– Roberto Schwarz.

Era tarde comum, quando Vanessa se sentou, pensou falando, e cada palavra dita se surpreendia a cada nova. Abriu um pacote de bolachas. Comeu umas duas, ofereceu outras três, como sempre faz. Vanessa adora presentear com comidas.

– Coisa de mãe. Sempre que eu vejo alguém, eu trago um biscoitinho.

Como se esse gesto mínimo fosse uma forma possível de cuidado; como se fosse isso que segurasse o mundo de pé, a gentileza. Mesmo ao redor de pessoas, Vanessa faz isso, pensa falando. Suas frases

curtas são ditas dentro de uma narrativa que é só dela.

No meio a tantas palavras soltas, ela convive há anos com uma névoa de dúvidas. Toda vez que decide mudar de pensamento, uma palavra atropela a outra.

– Deus me ajude. Mas é assim mesmo, sou tão hiperbólica.

Hipérboles é o único idioma capaz de acompanhar o tamanho das suas perguntas.

– Eu já fui com um sofrimento contínuo.

É a frase que pula ao ser lembrada do doutorado, não concluído. Ela fazia um doutorado em engenharia de transportes, especificamente na área de Segurança Viária de Pedestres em Áreas Urbanas. Foi isso que pensou, ao tentar contar sobre o momento em que o doutorado deixou de ser possível. Não sabe se um dia concluirá. Nem sabe se quer saber disso. Deixe que o tempo leve.

A qualificação do trabalho foi o pri-

meiro aviso, duro, tenso, definitivo.

– Eu não tive um segundo grande choque... porque eu já estava sofrendo sempre. Às vezes mais, às vezes menos. E quando acabou o tempo, eu disse: meu Deus, eu quero respirar. Eu não quero ficar vinculada a isso. Não aguento mais.

Há na fala dela uma luta invisível contra si mesma. Ela pega outro biscoito, vira a perna e acende um cigarro. E nas frases que só fala, uma pergunta surge:

– Como encerrar um ciclo que não sei encerrar? Eu não tenho condições de confiar só em mim mesma. Eu quero garantias. Quero que alguém que já fez diga: ‘é por aqui’.

Vanessa precisa de validação para dar passos.

– A esperança foi diminuindo na minha vida, as coisas foram sumindo e eu penso que me prejudicaram. Eu não me sustento, entende? Eu me sinto sempre em queda livre.

É difícil construir narrativas sobre si; ela diz isso muitas vezes. Muitas coisas ela diz muitas vezes. No seu quarto de menina em Mossoró, terra natal, Vanessa guarda diários cheios de repetições, círculos de pensamento onde tudo se acha também.

– Eu repito muito. Vivo sendo pouca. Mas é uma coisa que vai e vem. Eu não consigo cumprir ordens nem comigo mesma. Tenho muitos pensamentos incompletos. Agora ações... nem sei o que faço com elas. Mas me perdoo, sabia?

E toda noite possível, ela precisa montar um ritual: acolhimento, perdão e óleo de alecrim. Só assim aquieta um pouco o corpo.

– É impressionante como só se vive.

As coisas acontecem antes que ela termine de entendê-las. Uma vez, disseram que ela tinha uma fala muito impulsiva, isso a revoltou. Dizia ser coisa de família, as tias eram assim, haveria de ser também. No fundo, Vanessa quer falar mal de si.

– Se eu for falar de mim, eu só tenho coisa ruim para falar. Uma mulher de... tenho que calcular minha idade... pera... 34 anos que desistiu de um doutorado.

Ela vive abraçada às incertezas. E talvez esse seja, sem querer, um modo de viver. Oferece outro biscoito, cruza as pernas. Olha para mim e pergunta se vai ter alguma coisa contra ela ao falar sobre sua vida. Há um humor trágico na forma como Vanessa fala da própria vida. Uma espécie de rendição calma.

– É desesperador falar sobre questões da vida, por isso que tanto faz.

Esse tanto faz não é desistência. É exaustão. É o jeito que encontrou de não se afogar em tanta repetição. Fala devagar, esperando que alguma coisa apareça no cérebro antes de continuar. Às vezes aparece; às vezes não. A entrevista vira um zigue-zague mental.

– Eu fico esperando ver se vem alguma coisa na minha cabeça. Nem sempre

vem.

Vanessa sabe que pensa muito e age pouco.

– Se eu fosse uma pessoa de ação, eu falaria: é isso, isso e aquilo. Mas eu não consigo... Eu disse que sou muito hiperbólica?

Ao ponto de que a hipérbole não é exagero, é defesa. É a forma que encontra de tornar suportável o que não sabe nomear. Além de sua companhia íntima.

– Eu convivo abraçada com a incerteza. – suspira – Às vezes eu queria uma narrativa fechada. Mas não tenho.

Entre uma frase e outra, ela tenta se ajustar ao mundo, mas o encaixe nunca é simples. A sensação é sempre de algo prestes a cair. E ela junto.

– Eu estou sempre em queda livre – repete.

E, ao mesmo tempo, há nela uma lucidez quase cruel.

– É difícil estar com a mente ativa. É

difícil se sustentar só no racional.

Então, segue. Não por força, mas por movimento. Só segue. E vive no tanto faz como quem encontrou ali um abrigo possível.

Para falar da família, Vanessa respira fundo.

– Vixe Maria!

Ela é a prima mais velha, saiu de sua cidade natal. Chegou a Fortaleza com 23 anos, em 2014, tentando entender a cidade enquanto tentava entender a si mesma. Perdia-se nos mapas, nos ônibus, nos trajetos.

– Eu perguntava onde era a avenida 13 de Maio. Se eu chegasse naquela rua, eu me achava. Mulher, acredite, ficava passada quando o homenzinho do posto de gasolina não sabia...

Nesses momentos, ria de si mesma, a cearense improvisada com o celular descarregado no meio da rua. Ela tem uma voz anasalada, que dá uma característica que as pessoas lembram ao tentar imitá-la. Ela fala

que, ultimamente, está se escondendo em seus cabelos.

Já teve cabelos de todas as cores, tamanhos e formatos. Hoje a cabeleira é virgem e o corte é reto. Igual ao cabelo, sua posição como prima mais velha não era fixa.

– Eu diria que eu sou ouvinte e acolhedora. Mas... não essas acolhedoras prisionais, como a da nossa família... Eu queria um cuidado mais libertador.

Acredita que os primos a veem com alguma seriedade injusta.

– Acho que alguns me enxergam como séria só porque sou filha de papai. Não sou nem um pouco parecida com ele.

Xavier, seu pai, é um homem de voz firme e impactante, o que é diferente da forma como ela fala, que é mansa e nasalizada. Já o que ela reconhece nos primos é em outro lugar, é a sensibilidade. Ela sempre está com eles. Na verdade, a festa fica mais divertida quando ela está, seu senso de humor é apuradíssimo e faz todos rirem ao ouvir suas

histórias. Que são contadas na mansidão de seu timbre.

– Eles são muito sensíveis. Sempre sensibilizam ao meu lado. É um lugar onde eu não me sinto tão julgada. Mas eu não me lembro de momentos com eles, não, eu acho que eu fui vivendo e sentindo e dividindo com os primos. Eu não sou boa de histórias.

O cuidado que oferece é o mesmo que teme. A presença que dá é a mesma que às vezes a sufoca. Mas é dentro da família que encontra abrigo. Mesmo quando se sente incompreendida por si mesma, há ali um tipo de compreensão possível.

– Eu até me sinto compreendida, mas... o que se faz com a compreensão do outro?

No fim, a família é o lugar onde ela cai, e aonde alguém segura, aprendeu com eles.

Vanessa parece sempre à beira de alguma coisa que não sabe nomear. Carrega cadernos repetitivos, dúvidas que reen-

cenam a si mesma, expectativas esburacadas. Tem seus traços tortos, pelo doutorado, mas a sensação de paz.

Continua. Entre acolhimentos, bolachas distribuídas, mapas que não decora, óleos de alecrim, uma vida que vive mais do que entende, ela segue.

Vive, e às vezes só vive, o que já lhe é muito. E nisso, talvez, haja mais força do que imagina. Ela percebe que se você analisar suas histórias, vai perceber que sofreu mais pela insistência do que pela perda. E faz isso.

Parece que, no fim das contas, amar é aprender a ter paciência com o tempo, com a incerteza.

– sei lá, mulher.





Ingrid

(do amor)

“Tudo que amei, amei sozinho”
– Edgar Allan Poe.

Que estresse! Morar longe sempre é um desafio ao ter que ir para os cantos. Tenho sempre que pegar o Grande Circular ou algum que passe pelo Serviluz, e esse bairro é um mundo. Moro na Praia do Futuro desde sempre e, se quiser visitar meus amigos, tenho que me acostumar a viajar. A não ser João Marcos, que mora subindo a rua...

Lá vem o 913, Serviluz–Papicu. Vai ser esse. Coloco meu fone e vou escutando algumas músicas; dá para viajar e pensar em muita coisa até chegar a 13 de maio. Por ter escolhido essa linha, vou passar em frente onde meu pai trabalhava, seu ponto de táxi.

Apesar de sempre olhar para a parada dele, acho que, quando chego naquela

parte ali, passando do Titanzinho, que é a parte dos portos, das fábricas, das docas, é quando começa a vir a lembrança.

E aí, muitas vezes, várias vezes, o ônibus não vai direto, porque tem um sinal bem na frente; ele para, e eu fico lá, olhando... É meio involuntário, me puxa. Eu sei que ele não vai estar lá. Mas sempre olho.

Na última vez que tive coragem, puxei a corda do ônibus e me preparei para descer. Eu sempre sou visitada pela angústia das coisas que não escolho fazer e, dessa vez, decidi não passar por isso.

Eu tinha acabado de fazer 18 anos, acabado de sair do meu primeiro relacionamento, estava no meu primeiro emprego, dos nove que já tive. Apesar da distância, do tempo, talvez porque adolescente tem isso, de não saber a hora das coisas, me vi sem falar com meu pai por anos. Mas agora era diferente, eu era diferente. Já tinha pensado várias vezes se desceria, mas dessa vez desci e fui até ele.

Devia fazer, mais ou menos, uns cinco anos que eu não falava com ele quando decidi descer. Morava só com minha mãe, e ele já não tinha mais a obrigação de me ver todos os dias. Tenho dois irmãos mais velhos e uma mais nova, mas dele sou a caçula.

Cheguei lá, ele estava sentado na mesa conversando com um amigo, e, assim que me viu, se levantou, me abraçou, ficou feliz. Falou que eu era filha dele. Perguntou para onde eu estava indo e o que estava fazendo. Disse que estava voltando do trabalho. Entramos no carro, abastecemos e compramos o cigarro dele, Marlboro vermelho.

Fomos para uma padaria e depois ele foi me deixar em casa. Não subiu. E, antes que eu saísse do táxi, pedi a bênção, ao que ouvi como resposta: “Eu te amo.”

– Eu também te amo, pai.

A raiva de tantos anos não fazia mais sentido. Eu poderia me reconectar com ele. Assim que subi para o meu apartamento, disse ao meu ex-namorado que eu iria voltar

a vê-lo, que teria essa chance.

Mas o tempo... ele morreu uma semana depois. Dengue hemorrágica e leptospirose. Morreu uma semana antes do primeiro lockdown do Covid em Fortaleza. Apesar do tempo que fiquei longe, tive ao fim uma certeza: eu fui amada.

Olho para a tela do meu celular, começa a tocar Party 4 U, da Charli XCX.

Me sento na janela. A batida da música é repetida. Você dá o seu melhor, mas o outro não valoriza. Só consigo pensar: “Por que você está me tratando como uma pessoa que nunca amou?”. Não posso escutar essa música todo dia, não posso fazer isso comigo, mas farei. Pelo menos por hoje. Enfim, acho que ela fala de uma dinâmica que eu tenho.

Conforme o ônibus avança, a luz vai mudando de lugar e eu me movo junto a ela. Tenho medo do Tempo, essa injustiça da vida, e, por causa dele, tive que ser muitas, talvez tentando que todas fossem verdadei-

ras, pelo menos comigo. Mas o problema do Tempo é porque ele passa.

Abro a câmera do celular e me vejo. Meu cabelo está diferente; ele é uma mistura de tudo que fiz nos últimos meses, mas, desde que nasci, sou loira. Pego muita viagem com ele... Corto uma franja, depois uma descoloração global, pinto de vermelho, depois castanho, faço um banho de brilho, coloco botox... Gosto de me reinventar. Por essas e outras, sou conhecida como loirinha. Doutora loirinha, melhor. Sempre fui popular, apesar de alternativa.

Todos me chamam assim. Ingrid é a clt.

Me dedico a tudo que faço, me dediquei aos nove empregos que tive. Trabalhei em imobiliária, fastfood, cervejaria, clínica... Lista sem fim. E sempre me esforço, talvez o problema do meu amor é porque ele transborda. Sobra muito.

Amar é prestar atenção, e eu estou sempre no presente. Amar é a mistura do

cuidar, do brincar, da presença, do olhar para o outro. Porque quem brinca não vai a lugar nenhum, igual a esse sentimento, quem brinca já chegou. O amor se transforma.

Tenho muito medo disso tudo: de brincar errado com o tempo, de não amar certo. Já namorei quatro vezes, e sempre me via aqui. Como o amor transborda o limite do comum. Sempre que saio de casa, peço que os maus olhos não me vejam, eu vejo tudo. Os maus, bons e medianos olhos.

No fone, a música da Beyoncé, Love Drought. Só o que faltava: essa música. É justamente quando esse amor, o melhor que você deu, chega a secar. Seca o amor. De uma certa forma, ele não deixa de ser amor, mas se transforma em alguma outra coisa também. As duas pessoas juntas poderiam mover montanhas, mas isso não vai acontecer. Eu me encontro aqui.

Pode amar sozinho?

Não sei... Faço muitas coisas sozinha, mas amar? Amo meus amigos, amores

incondicionais que a gente escolhe, que acabam virando família, acolhimento, encontro. Na amizade, a gente aceita o outro como ele é, com suas estranhezas e coisas. Amizade é casa.

Tenho muitos melhores amigos, e todos verdadeiros comigo. Infelizmente, não me trato como minha amiga, não. Acho que eu nunca faria as coisas que faço comigo com os meus amigos. Tenho muita expectativa em tudo.

Tanta gente nesse ônibus, meu Deus. Espero não ter que me levantar.

Eu sou uma pessoa que coloca muita expectativa nas coisas. Em mim... mesmo sabendo que não controlo nada. Isso é tão 24 anos...

Eu e Vicente temos essa brincadeira. Por exemplo: ter 20 anos é querer ser assumido. Ou... ter 23 anos é sobre decidir. Mas agora, com 24, não sei de nada. Estou apontando para as coisas que quero, sem saber nomeá-las. Nem sei o que quero, nem quero

saber, só sei que desejo.

O que a gente faz com os nossos arrependimentos? O sintoma, às vezes, é a única coisa que sustenta a existência do sujeito.

Mulher, não acredito que vou chorar. Sempre choro nesses trajetos grandes que tenho que fazer. Principalmente se eu estiver em cima de um moto-uber. Quanto mais desconfortável, melhor para refletir. Vou aceitar esse choro, se ele tá vindo, só me resta isso. Espero que ninguém fale comigo. Que estresse.

Mas, porra, o tempo é demais para mim. Vivi muita coisa, passei por muita coisa, conheci muitas pessoas novas, parei de falar com outras, descobri coisas, aprendi coisas.

E eu tenho tanto medo de errar. Para mim, é tão difícil brincar. Tento me esconder, e o Outro nunca conta. Fico esperando. Na parada de ônibus. Com as sacolas de amor que carrego.

No fone, “Waiting Room”, da Phoebe Bridgers.

Na música, se a pessoa fosse uma sala de espera, ela iria para essa sala de espera. Ela faria questão. Não sei se “metáfora” é a palavra certa, né? Ela usa outros exemplos e, de uma certa forma, é um pouco de se moldar pelo outro. No final, antes de ela começar a repetir, fala que sabe que qualquer coisa que acontecer vai ser para melhor.

Me sinto nessa sala de espera. Fico esperando por tudo. Pelas coisas que continuam, as que virão e as que já foram. O tempo passa e eu espero que ele passe.

O ônibus faz o mesmo caminho de sempre, mas sinto que a paisagem muda. Talvez porque sou eu que mudo, um pouco mais a cada ida, um pouco menos a cada volta. No vidro, o meu reflexo se mistura com o da cidade. É como se nós duas tivéssemos o mesmo cansaço.

Carrego dentro de mim uma pressa mansa, mas a vontade de viver sempre che-

ga antes das coisas.

As músicas que tocam no meu fone guardam o que o meu corpo esquece. Party 4 U toca, e ela lembra do começo, quando o mundo parecia em festa. Depois vem Love Drought, e a festa vira mar, um sal que arde e limpa. Para depois, em Waiting Room sussurrar, eu perceber que passei metade da vida esperando algo que talvez nunca venha. Cada faixa é uma estação, cada amor um refrão repetido demais.

Às vezes acho que estou vivendo a mesma história com pessoas diferentes. Os nomes mudam, mas a espera é a mesma, a mesma tentativa de resolver algo que nunca se resolveu.

Tenho medo do tempo. Não do envelhecer em si, mas do que o tempo faz com o sentir. É como se o meu coração também criasse calo. Amadurecer dói mais quando a gente entende o que se perde no processo. O tempo não cura nada, ele só muda o peso das coisas.

Mas há também os dias em que o silêncio pesa menos. Quando percebo que não estou só. Porque, no fim, o amor que ficou foi o que dei para mim, o que aprendi a ter quando o resto foi embora. E, entre as ruínas, tem meus amigos, as risadas nas madrugadas. Os que nos seguram.

A sala de espera continua lá, mas agora eu sento de outro jeito. Não olho mais para o relógio. Deixa que os ponteiros olhem para mim. Amar sendo inteiramente minha, sendo cada vez mais sua. Não basta ser digerida, eu quero ser desejada.

Ah, a minha parada é essa. Mas ainda não cheguei.

Av. 13 de maio (*de Fortaleza*)

“A vida não é o que se viveu,
mas sim o que se lembra,
e como se lembra de contar isso.”
— Gabriel García Márquez.

Quanto tempo faz que não pego um Moto Uber? Nem sei, nem lembro a última vez... Mas o que já sofri em cima de uma moto é brincadeira. E sempre que me via sofrendo, me via na Avenida 13 de Maio — afinal, sempre morei “quase” nela.

Quando cheguei, ainda me chamava André. Foi ela que me deu o nome Vicente.

Outro dia, estava com meus amigos no corredor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e Luís (da boemia) relembrou uma frase dita por mim diversas vezes no início da graduação: “Já vivi uma vida nessa 13 de Maio.”

Assim que cheguei em Fortaleza,

morava na Senador Pompeu, na altura 2508. Para chegar à faculdade — o Centro de Humanidades II, na Avenida da Universidade — eu pegava a 13 de Maio, subindo. E fazia o mesmo caminho na volta, descendo.

Por morar perto, ia andando. Primeiro a Extrafarma, a loja de gibis (que nem existe mais), a pastelaria, o IFCE, o posto de gasolina, o Biroška, a livraria, a Reitoria... Por um bom tempo, eu só fazia esse percurso. Nessa época, morava com mainha e tinha que fumar escondido para evitar conflitos que iriam se revelar algum tempo depois. Meu esconderijo era o caminho.

Tem até uma foto minha no Spotted UFC, onde apareço fumando e andando, com o grande coturno plataforma, em frente à Toca do Coelho, próximo ao IFCE, na 13 de Maio. Acredito que meu admirador tenha se impressionado com a forma como eu me mesclava a esse ambiente, fazendo dele meu próprio território. A própria maria-fumaça benfiquense.

Na época, eu fumava vape — coisa de gente jovem. Parei. Depois comecei a fumar cigarro de verdade: Gudang. Já fui até Paris, juro, mas o único cigarro que “presta” é o da banquinha da Praça da Gentilândia, na 13 de Maio, do Seu Simpático. Nunca perguntei o nome dele. Suponho que seja conhecido assim pela simpatia com que atende todo mundo.

Minha relação com Seu Simpático renderia uma crônica por si só. Sempre que “paro” de fumar e passo um tempo longe, ao voltar, ele comenta minha falta. Gosto de pensar que ficou um vazio nele — o que acontece também em mim. Penso bastante nele.

Quantas vezes eu e João Marcos (da noite) já fomos comprar cigarro antes da aula... Andávamos pelo Centro de Humanidades I até o portão lateral, e comprávamos o que precisávamos: seda, piteira, cigarro. Se hoje tenho uma coleção de isqueiros, é porque João Marcos me deu. Na verdade, eu

primeiro roubo, faço-me de doido, digo que sumiu, e depois de um tempo ele descobre. Me entrego, devolvo o isqueiro roubado. Ele segura o objeto por alguns segundos, preenche a própria falta com presença e devolve: “É seu.”

Acho que a única amiga que nunca fumou comigo foi Lorena (da arte). Seu pai não deixa e ela também não tem vontade. Comecei a fumar ainda morando com minha prima; eu e Vanessa (da incerteza, do tanto faz, da família) íamos à Banquinha do Seu Simpático. Parávamos o carro em frente ao Barbarians; eu descia e comprava o cigarro — que, com o tempo, mudava de quantidade e até de qualidade.

Nesses dias de alto verão, quase tive uma visão do futuro. A cena se repetia, só que eram duas senhoras em nossos lugares. Uma ficou no carro esperando, a outra desceu. Eu me vi com Vanessa: éramos o mesmo desenho, só que anos mais novos. Ela olha para Seu Simpático, mostra uma nota de 50

e diz: “Rápido como quem rouba, quero um Gudang-Cravo.” Era eu.

Voltei para o carro rindo. Comentei com minha prima-irmã. Ela respondeu: “Pior.”

Fumei de tudo nessa 13 de Maio: em pé, sentado no meio-fio... Meu primeiro salário eu usei para comer. Comer, beber e fumar com quem amo. Chamei Luís para tomar uma no Biroska Verde, comprei uma carteira de cigarro e me sentei na mesa da frente — só para olhar a avenida e ver gente passando.

Em determinado momento, passou uma moça vendendo brownies. Meus olhos sempre maiores que a barriga, comprei. Ela era desenrolada. Mas não teve outra: vomitei toda a minha história, carisma, glamour, cervejas e o primeiro salário na 13 de Maio. Tinha até marcado de ver meu paquera, que seria meu namorado depois. Relaxa: ele não ficou desacompanhado. Estava com seu melhor amigo, que viria, também, a ser meu

namorado depois. Acredita? Tudo isso no mesmo cenário.

Em 2022, quando Lula ganhou, eu, com minissaia vermelha, delineado dourado, bandeira e tudo, desci a avenida com meus amigos. A própria porta-bandeira do Lula. Teve de tudo. Até uma briga eu arrumei; quase dei um murro num viado, mas me segurei. Me vi, mais uma vez, nos dilemas da Avenida.

Já terminei três namoros aqui em Fortaleza. E em todos, depois que eles iam embora, eu desaguava para a rua. Lorena (da arte) uma vez levou umas coisas para pintar comigo, para que eu desaguasse também na tela, não só na calçada que atravessamos.

Outro dia, Ingrid (do Amor) e eu conversávamos sobre o nosso tema olhando para a avenida, com os olhos úmidos e pesados. Andávamos sem pressa, esperando uma resposta. Eu esperava que eles voltassem e dissessem que não queriam terminar, que tudo fora um engano, que ainda me

amavam. E, na rua, fui percebendo como a cidade faz o mesmo que um amigo. Quantos deles já me escutaram exatamente como a 13 de Maio? É com eles que se aprende a ser só, estando juntos. Tentando preencher o que falta com o vazio deixado pelo Outro.

Nos damos bem. Fazemos isso à nossa maneira. Espero, leitor, que você tenha entendido.

Quem nunca se declarou nesta rua? Que é, antes de tudo, boêmia e parte central do Benfica. Todos os entrevistados têm isso em comum: são românticos. Adoro quando arrumo um romance e vamos de mãos dadas até minha casa. A rua me acompanha até minha morada — que se faz e fez nela também. Talvez essa seja a grande questão: a sensibilidade que compartilho com ela é o nosso feitiço. O mesmo que encanta Luís, Loirinha, João Marcos, Vanessa, Lorena em suas histórias de Amor.

No carnaval de 2024, eu e Loirinha saímos de mãos dadas, ela de scarpin e mi-

nissaia, eu de camisa de botão verde aberta. Íamos assim, acreditando no amor.

Sempre que saio de casa, não penso na volta, mas sempre sei voltar sozinho. Basta me lembrar dela. Ela já me viu chorar de alegria, de amor, de tristeza, de felicidade... Mas, antes de tudo, ela me viu.

Que eu consiga ter sido isso para os meus amigos enquanto os ouvia — igual à rua: eu sou caminho.

Entre suas calçadas quebradas e paradas de ônibus perigosas, conversamos juntos. Juro: eu falo, e ela responde.

Sempre moro dobrando a esquina, sempre moro “depois” dela. Esse depois é um problema — muitas certezas não chegam.

Essa rua me ensinou a ser gente. Ser sujeito. Gostar da realidade.

Loirinha vem chegando na avenida. João Marcos está na banquinha. Lorena atravessa em direção ao balé. Luís toma uma olhando a vista. Vanessa respira um cigarro

com o vidro baixo e vento forte.

Aprendi a fazer acordos nela — e com todos. Nem sempre eu voltava para casa como queria. Às vezes era no sol, na chuva, sozinho, acompanhado, com amigos, não sóbrio, na realidade ou na fantasia. Mas preste atenção: igual a um amigo, a avenida guarda histórias que dizem o indizível.

Em uma das paredes da avenida tem escrito “Bucca”. Fiz bêbado. Mais uma pichação que os muros do Benfica guardam. Quando ela me chama para conversar, o assunto é saudade. Quando um amigo me chama, eu lembro o que é presença.

Toda vez que eu morro, eu vou até ela. E é nela que experimento a ressurreição.

Obrigado, Avenida 13 de Maio,
por me fazer seu.
E obrigado aos amigos,
pelo encontro.
Te amo.



Epílogo

John *(de Deus)*

“Porque eu sei que em mim, isto é,
na minha carne, não habita bem algum;
pois o querer o bem está em mim,
mas não o realizá-lo.”
— Romanos 7:18

Este perfil nunca foi escrito. O seu protagonista está passando por um momento difícil, daqueles que nem se colocam em palavras. Todos nós temos um amigo que precisa sair mais cedo da festa. Os colegas do jornalismo e até a minha orientadora incentivaram-me a buscá-lo. Mesmo após afirmar o que haveria acontecido com ele. Encontrei-o.

Mas me recuso a escrever. O ser humano, para mim, é mais importante que uma pauta. Durante todas essas entrevistas, não pensei no texto, mas sim naquela pessoa que se apresentava para mim. O que es-

crevo é reflexo disso tudo. Da escuta.

Durante a palestra da jornalista Fabiana Moraes, nos 60 anos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, uma fala ganha corpo no auditório Rachel de Queiroz: “Você não trata o absurdo com objetividade.” E, às vezes, é no silêncio que se torna possível sobreviver.

Coloco um trecho do que estava no meu planejamento escrito que entreguei a minha orientadora no semestre anterior a este trabalho:

“Tenho a vontade de desacelerar o jornalismo, de permitir que o tempo do encontro seja maior do que o tempo da pauta. Ao contrário da lógica diária das redações, em que o repórter chega, pergunta, anota e vai embora, aqui o processo é feito de aproximações, escutas e silêncios. É um jornalismo que se constrói no ritmo da vida do outro, e não no cronômetro da notícia.

Nesse percurso, percebo que o jornalismo, quando íntimo, deixa de ser apenas

uma profissão para se tornar um exercício de humanidade. É preciso estar disposto a ser afetado. Porque se há um encontro, não há como sair dele ileso.”

Fui incentivado não por um, mas por alguns colegas do jornalismo, a compartilhar o que estava acontecendo com o protagonista desse escrito, mesmo que sem o entrevistar.

De qualquer forma, não compactuo com eles. Deixo folhas em branco. Pois, mesmo nesses casos, o Jornalismo não tem ponto final





UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE JORNALISMO

VICENTE BUCCARINI MESQUITA DE MORAIS

INQUIETOS: FRAGMENTOS SENSÍVEIS DE ENCONTROS

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

FORTALEZA- CE

2026

VICENTE BUCCARINI MESQUITA DE MORAIS

INQUIETOS: FRAGMENTOS SENSÍVEIS DE ENCONTROS

Produto jornalístico apresentado como Trabalho de Conclusão ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dra. Ana Cláudia Mendes de Andrade e Peres

FORTALEZA - CE

2026

VICENTE BUCCARINI MESQUITA DE MORAIS

INQUIETOS: FRAGMENTOS SENSÍVEIS DE ENCONTROS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cláudia Mendes de Andrade e Peres

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Ana Cláudia Mendes de Andrade e Peres (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Francisco Geraldo De Magela Lima Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Rafael Rodrigues Da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA
2026

AGRADECIMENTOS

É evidente que eu deveria agradecer a todas as pessoas que já passaram pela minha vida, principalmente, àquelas que amei e que me amaram de volta. Sempre escrevo pensando que elas vão ler o que conto, vão me ler de novo. Então, agradeço aos que me leram, mesmo que por um instante. Espero ter conseguido respeitar o contorno de seus sujeitos, de seus limites, porque chega uma época da vida que as coisas do Outro passam a ser um pouco nossas também. Uma parte do livro é sobre isso.

Enfim, queria ser lido, agora mais do que nunca, por todas as pessoas que já amei. Agradecimentos a estes.

Dedico esse trabalho à minha família: a de nascimento e a escolhida. Minha mãe, Idalina Mesquita, que primeiro me deu as palavras e depois, folha e papel para colocá-las no mundo. Meu pai, Antônio Félix, pela educação. Meu irmão, Arthur Domingos, que me ensinou a ser Homem, com gentileza e cuidado.

Aos olhos verdes, caleidoscópicos e atentos a que tanto me reporte e busquei abrigo durante esse trabalho, com dedicação, atenção e amor, Ana Cláudia Peres, Allan César e Psyché.

Aos grandes amores que decidiram compartilhar suas histórias comigo, honrando-me em ouvi-las, além de terem me permitido reportá-las. Saibam que foi ótimo lembrar o porquê decidi amar vocês.

Luís, meu amigo hétero, quantas histórias nos contamos reciprocamente... Quantas vezes ficamos bêbados e embriagados com a presença do Outro. Que possamos ser mais, cada vez que nos virmos. Te amo.

João Marcos, obrigado pela escuta de sempre, pelas cartas que sempre me levam a lugares que poucos da literatura conseguem, e pelo Amor que me dá. Te amo.

Lorena, minha dupla, não sei o que seria a vida sem ter você para rir comigo, de piadas e trocadilhos infames, de neologismos de palavras incoerentes, de referências a tudo que já vivemos com a promessa de que virão novos momentos. Adoro que somos observadores na medida certa... Você está lá, comigo. Te amo.

Vanessa, minha irmã, sinto falta de te ter ao meu lado todos os dias. Mas sou grato por ter tido você aqui, mesmo que por um tempo. Te encontrar já significa que valeu a pena. Te amo.

Loirinha, meu amor, parei de pensar sozinho quando te conheci. Te amo.

Aos demais amigos, saibam que tenho seus nomes todos guardados em mim. Infelizmente, me foi atribuída uma memória maior que o normal... Eu não esqueço quando o Amor teve sua vez. Se tivermos cruzado o caminho um do Outro, feito qualquer demanda e sumido... Ainda lembrarei de vós, pois toda demanda é uma demanda de Amor. Lembro-me de tudo.

À minha família, que sempre acreditou em mim e me apoiou nas minhas loucuras, minhas tias, Leni, Cândida, Francisca e Luciene, que me sonharam e me amaram na mesma intensidade. Como se fosse filho, também sinto que elas são Mães.

Aos meus avós, que me amaram desde o primeiro respiro. Lourdes, que sempre foi confidente e escuta. Mariza, que me recebia como quem recebe um monarca, nunca esquecerei de ti. Vô Domingos, que me ensinou o que é respeito e trabalho.

Aos meus primos, que são mais parecidos comigo do que quaisquer outros, que fazem festa quando se unem, que são românticos incuráveis.

Agradeço ao Forró Viário, Lorena, Rangel, Aline, Arthur e Sofia, que sempre estão dispostos a ser novamente crianças.

Eu não tenho medo de passar vergonha, não tenho medo do ridículo, porque eu fui e sou amado.

“Convém amar
ainda que seja
Por um momento”
– Hilda Hilst

“repetir, repetir - até ficar diferente
repetir é um dom do estilo”
– Manoel de Barros

“Não se deve compreender muito rápido”
– Jacques Lacan

RESUMO

“Inquietos: fragmentos sensíveis de encontros” tem como objeto os encontros possibilitados pelas entrevistas, compreendidas como espaços de escuta, afetação e construção narrativa. A obra é composta por perfis jornalísticos que retratam fragmentos de vidas atravessadas pela cidade de Fortaleza, explorando temas como amizade, amor, memória, boemia e incerteza. Fundamentado no referencial do livro-reportagem (Lima, 2009), do jornalismo narrativo e dos estudos sobre perfis jornalísticos (Maia, 2020; Moraes, 2019), o projeto assume a subjetividade e a implicação do repórter como elementos constitutivos da narrativa. Baseia-se em entrevistas abertas, convivência prolongada e diferentes estratégias de escrita. O trabalho defende um jornalismo desacelerado, ético e sensível, que privilegia o encontro como método e resultado.

Palavras-Chave: Livro-reportagem, encontro, subjetividade.

ABSTRACT

“Inquietos: fragmentos sensíveis de encontros” focuses on the encounters made possible through interviews, understood as spaces of listening, affection, and narrative construction. The work consists of journalistic profiles portraying fragments of lives shaped by the city of Fortaleza, addressing themes such as friendship, love, memory, bohemian life, and uncertainty. Grounded in the theoretical framework of the book-reportage genre (Lima, 2009), narrative journalism, and studies on journalistic profiles (Maia, 2020; Moraes, 2019), the project embraces subjectivity and the reporter’s involvement as constitutive elements of the narrative. It is based on open-ended interviews, prolonged coexistence, and diverse writing strategies. The study advocates for a slow, ethical, and sensitive form of journalism that values the encounter both as method and outcome.

Keywords: Book-reportage, encounter, subjectivity.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	11
3. OBJETO	12
4. JUSTIFICATIVA	15
5. METODOLOGIA	17
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
7. CRONOGRAMA	26
8. PROJETO GRÁFICO	26
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

“Uma palavra só existe porque há um Outro que acredita nela.” A frase, que remete ao pensamento do psicanalista francês Jacques Lacan, pode ser deslocada para o campo do jornalismo. A arte de tecer narrativas só é possível porque se acredita em alguém. Sem essa crença, no outro que fala, no outro que escuta, não há palavra, nem relato, nem jornalismo.

No início da trajetória de elaboração deste trabalho de conclusão de curso, o planejamento consistia na organização de uma coletânea de cartas escritas durante os meus 22 e 23 anos para e sobre a cidade de Fortaleza. O projeto se chamava Inquietudes, inspirado na autora Liliane Prata, que mantém uma newsletter de mesmo nome. Tratava-se de uma escrita íntima, atravessada por afetos, deslocamentos e observações pessoais sobre a cidade. No entanto, a orientadora deste trabalho, Ana Cláudia Peres, sugeriu um deslocamento: transformar esse impulso autobiográfico em um gesto jornalístico.

Em Teorias do Jornalismo, Nelson Traquina (2012) aponta que a notícia emerge do trânsito e da disputa de sentidos entre o acontecimento e as fontes que o interpretam, cabendo ao jornalista o papel de mediador. A prática jornalística, portanto, só se concretiza no encontro entre o repórter, o objeto e as fontes. É nesse espaço relacional que a pauta nasce e se organiza, revelando a dependência estrutural do jornalismo em relação ao outro.

A ideia que sustenta este TCC se dá pelo mesmo motivo: o encontro. Há, aqui, um repórter intimista demais e um Outro que se oferece como pauta. Como afirma a jornalista e documentarista Eliane Brum, “repórter de verdade atravessa a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado da sua visão de mundo”.

O livro-reportagem é composto por seis perfis jornalísticos, que narram fragmentos de vida de cinco personagens, jovens adultos que habitam, atravessam e significam a cidade de Fortaleza. As narrativas abordam temas como amizade, amor, boemia, arte, incerteza, luto e pertencimento urbano, construindo um mosaico afetivo a partir de encontros mediados pelo repórter.

Os personagens narram suas vidas a partir de um mesmo lugar simbólico: a cidade de Fortaleza. Embora compartilhem o mesmo espaço urbano, suas experiências são múltiplas, fragmentadas e singulares. O repórter atua como mediador desses relatos, organizando as narrativas e tensionando sentidos, ainda que não seja originário da cidade. É do encontro entre essas vozes, o espaço urbano e a mediação jornalística que nasce o livro-reportagem “Inquietos”.

Como afirma Marta Maia, “os perfis tratam o indivíduo a partir de alguns recortes específicos” (Maia, 2020, p. 39). O que se apresenta ao leitor, portanto, não é a totalidade de uma vida, mas fragmentos significativos de uma trajetória. Recortes escolhidos por alguém que ocupa simultaneamente o lugar de amigo e jornalista, que conhece as fragilidades, os afetos e os atravessamentos que compõem essas histórias. Reconhecer esse lugar implicado não enfraquece o jornalismo, mas o tensiona e o amplia, assumindo que toda narrativa é construída a partir de um ponto de vista, de uma escuta e de uma relação (Medina, 1986).

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Produzir, apurar e redigir um livro-reportagem com um grupo de amigos na cidade de Fortaleza–CE, por meio de perfis jornalísticos, experimentando a linguagem narrativa e literária, com foco em fragmentos de suas trajetórias, sem a pretensão de abarcar integralmente seus percursos de vida.

2.2 Específicos

- Investigar como jovens e adultos vivenciam temas como amor, amizade, pertencimento, boemia, incerteza e memória, compondo um mosaico afetivo e social da cidade.
- Construir um registro sensível de memórias, afetos e vínculos, preservando nuances e complexidades que costumam ser ignoradas, escanteadas ou que nem sempre cabem em um modelo jornalístico tradicional.

- Refletir sobre o papel do jornalista enquanto sujeito afetado, reconhecendo a dimensão relacional do texto e a implicação pessoal do autor na construção da narrativa.
- Produzir perfis jornalísticos aprofundados que retratam, em linguagem narrativa e humanizada, sujeitos cujas histórias atravessam a cidade de Fortaleza.

3. OBJETO

Este trabalho tem como objeto os encontros possibilitados pelas entrevistas, entendidos como espaço de escuta, afeto e produção de presença (Medina, 1986). Ao longo do processo, a narrativa se construiu menos pela coleta de dados e mais pela relação que emergia entre repórter e entrevistado. Inspirado em jornalistas que, além de exercer o jornalismo, costumam refletir sobre a prática jornalística, a exemplo de Fabiana Moraes e Eliane Brum, em discussões sobre jornalismo narrativo que privilegiam o sujeito em sua complexidade. O trabalho parte da premissa de que cada pessoa é um universo simbólico, que o ato de contar histórias se dá no tempo da vida, não no tempo da pauta.

O livro se estrutura como um exercício de jornalismo mais íntimo, onde o encontro é método e resultado. A condução das entrevistas se deu de forma maleável e afetiva, permitindo que os sujeitos direcionassem suas próprias narrativas. Essa proposta dialoga também com as noções fenomenológicas da experiência vivida, considerando que o repórter não é observador neutro, mas corpo presente atravessado pelas histórias que escuta. O objeto deste trabalho, portanto, não é somente o produto final, o livro, mas o processo em si: o espaço em que o outro pôde existir com profundidade, contradição e, talvez, verdade.

Cada capítulo nasce dessa relação e se organiza como perfis que, quando reunidos, formam um mosaico subjetivo de Fortaleza, revelando modos distintos de viver, amar, sofrer e significar o mundo. É importante lembrar que os perfis apresentados em *Inquietos* adotam um estilo narrativo que se aproxima da crônica, privilegiando a observação sensível, o tempo dilatado e o detalhe

cotidiano como forma de acesso à subjetividade dos personagens.

Além disso, o uso de parênteses nos títulos para caracterizar as personagens é inspirado no romance da escritora brasileira Hilda Hilst, “Tu não te moves de ti” (1980), em que ela apresenta suas personagens utilizando o mesmo estilo.

1. Prólogo

O texto que abre o livro conta a primeira experiência de escrita e escuta do repórter e explica o motivo de se escrever.

2. Luís (da boemia)

Retrata um jovem de 20 anos cuja vida se organiza em torno da boemia, da rua, do bar e da convivialidade. O capítulo aborda sua relação com a cidade, com o futebol, com os afetos e com as rupturas familiares.

3. João Marcos (da noite)

Com entrevista feita por cartas, o capítulo mergulha na subjetividade de João Marcos por meio de fragmentos, dúvidas e perguntas existenciais. É um retrato que se constrói pelo silêncio, pela introspecção e pela escrita como forma de organizar o caos interno. As cartas foram escolhidas, dado que durante a amizade entre o repórter e o personagem, diversas vezes foram trocadas cartas que contavam sobre eles.

4. Lorena (da arte)

O perfil acompanha a artista em seus múltiplos gestos criativos, pintura, escrita, dança, articulando sensibilidade, autocobrança, infância e luto. Aqui, a arte é apresentada como um processo de cura e de descoberta de si, revelando uma personagem que se pinta enquanto fala.

5. Vanessa (da incerteza) (do tanto faz) (da família)

O capítulo explora o fluxo mental de Vanessa, o qual é movido por dúvidas, repetições e tentativas de organizar a própria vida. Trata da interrupção

de um doutorado, das relações familiares e da dificuldade de construir narrativas sobre si, compondo um retrato marcado pela honestidade e vulnerabilidade.

6. Ingrid (do amor)

A narrativa acompanha Ingrid, ou Loirinha, em seus deslocamentos de ônibus e em sua experiência de reconstrução após a morte do pai. O capítulo mistura mobilidade urbana, memória, trabalho e amor, criando um retrato delicado sobre expectativa, cuidado e transformação da personagem.

7. Avenida 13 de Maio (de Fortaleza)

A avenida se torna personagem e testemunha das vivências, funcionando como fio que costura as histórias. O capítulo aborda encontros, despedidas, festividades e amadurecimentos vividos na rua, simbolizando cidade, pertença e amizade. Além disso, pode ser um perfil do próprio autor, por falar desses encontros e dos amores que foram formados durante a trajetória em Fortaleza.

8. Epílogo - John (de Deus)

Apresenta o único perfil que não foi escrito, como gesto ético. A ausência de um capítulo sobre John reafirma a ética do trabalho: há histórias que não podem ser narradas sem ferir o sujeito. O silêncio se torna também escolha jornalística e arma de combate. A ideia do perfil de John surgiu junto com o projeto, mas o personagem acabou tendo problemas pessoais que impediram sua participação ativa, com entrevistas, igual aos demais do livro-reportagem, o capítulo é resistência ao entender que nem tudo pode ser divulgado, comentado e, até mesmo, escrito.

O livro-reportagem constrói um jornalismo desacelerado, afetivo e atento, em que a narrativa nasce dos encontros e se sustenta pela escuta, a partir dos fragmentos das memórias de seus personagens, que desenharam a cidade de Fortaleza/CE.

4. JUSTIFICATIVA

Este trabalho nasce de um desejo humano: o de escutar. Antes de ser um livro-reportagem, “Inquietos” é fruto de encontros que só existem porque alguém decidiu parar, sentar, permanecer e deixar que o Outro aparecesse. A justificativa deste trabalho, portanto, não é apenas acadêmica, é existencial. O jornalismo, quando desacelerado, permite que a vida aconteça diante dele.

Ao longo da graduação em Jornalismo, percebi que certas histórias não se apresentam em entrevistas rápidas, tampouco em perguntas objetivas. Há narrativas que só se revelam quando o repórter aceita ser afetado, quando entende que o silêncio também comunica e que o tempo do Outro precisa ser respeitado. “Inquietos” nasce justamente da recusa em tratar vidas como dados, da recusa em transformar subjetividades em estatísticas. A cidade, os afetos, as dores e as tentativas que atravessam os perfis do livro pediam profundidade. Pediam presença. Era preciso ficar.

A justificativa também se sustenta no entendimento de que o jornalismo de perfis, quando realizado com rigor ético e metodológico, contribui para a ampliação da compreensão acerca do que significa existir em uma cidade como Fortaleza, a capital do Ceará e a quarta cidade mais populosa do Brasil, com aproximadamente 2,7 milhões de habitantes. Inserida em um contexto urbano marcado por desigualdades socioeconômicas, diversidade cultural e contrastes territoriais, a cidade configura um espaço no qual as experiências individuais se articulam diretamente às dinâmicas sociais mais amplas, aspecto que torna o gênero perfil uma ferramenta relevante para a apreensão dessas vivências.

Cada personagem foi encontrado no seu próprio tempo, no seu próprio gesto: no bar, no ônibus, no ateliê, na madrugada, no meio da boemia ou em cartas escritas entre hesitações. São vidas comuns, mas nunca pequenas. São trajetórias que dificilmente chegariam às manchetes, mas que carregam em si a capacidade de iluminar camadas profundas da experiência urbana e emocional.

A escolha pelo formato livro-reportagem nasce da necessidade de um

espaço narrativo capaz de sustentar a complexidade, a densidade emocional e a profundidade humana dos encontros que constituem este trabalho. Como afirma Edvaldo Pereira Lima (1993), o livro-reportagem possibilita uma ampliação dos limites do jornalismo, permitindo ao repórter aprofundar histórias, contextualizar vidas e compor narrativas que ultrapassam a lógica factual imediata.

Nesse sentido, a forma-livro oferece o tempo e a respiração que este projeto exige: um jornalismo que não se apressa, que escuta, que acolhe o silêncio e que se deixa afetar. A reportagem em livro possibilita um mergulho que não seria possível em outros suportes, pois permite acompanhar processos, revelar subjetividades e construir personagens em sua inteireza, como sujeitos atravessados por desejos, medos, cidades, memórias e laços. Assim, o formato foi escolhido não apenas como suporte, mas como metodologia narrativa, coerente com o propósito do projeto: registrar vidas que pedem continuidade, textura e intimidade.

Escrever esses perfis significou criar um espaço seguro para que essas histórias pudessem se desdobrar. Era impossível justificar o projeto apenas pela necessidade de cumprir um requisito curricular, ele se impôs como um gesto de cuidado, uma forma de agradecer às pessoas que fizeram parte da minha formação afetiva, acadêmica e humana. O livro é, de certa maneira, um retorno, um modo de reconhecer que me tornei jornalista por meio das pessoas que entrevistei, das conversas que tivemos e dos fragmentos de vida que decidiram confiar a mim.

Além disso, este trabalho busca justificar a importância de um jornalismo que se coloca como ponte, e não como extrator de informações. Um jornalismo que compreende que, ao contar a história do Outro, o repórter também se revela. “Inquietos” é atravessado por minha própria trajetória, por minhas inquietudes, meus afetos e pelas ruas que caminhei ao lado dos entrevistados. A justificativa, portanto, inclui assumir esse lugar de sujeito que olha, que sente e que escreve, e não de narrador neutro ou distante.

Por fim, este livro se justifica por acreditar que narrar vidas é uma forma de preservá-las. Ao colocar em palavras o que muitas vezes existe

apenas no fluxo cotidiano. “Inquietos” reconhece a beleza, a dor, a confusão e o brilho que habitam cada pessoa. Justifica-se por insistir que cada história importa. E que, ao escutarmos uns aos outros, descobrimos também onde estamos, quem somos e para onde desejamos caminhar.

5. METODOLOGIA

A produção deste livro-reportagem se fundamenta em princípios do jornalismo narrativo¹ e das práticas de escuta aprofundada defendidas por Cremilda Medina e Marta Maia. Inspirado pela noção de que a entrevista é sempre um “diálogo possível” (Medina, 1986), um espaço de troca, abertura e de possível transformação.

O processo metodológico buscou desacelerar o ritmo tradicional do jornalismo, privilegiando o tempo subjetivo do entrevistado e o vínculo entre repórter e personagem. Como propõe Medina (2008), a entrevista não é apenas coleta de informações, mas um “ato de convivência” capaz de revelar camadas que escapam ao discurso objetivo. Já Marta Maia (2020) sustenta que o perfil jornalístico nasce do entrelaçamento entre presença, observação e sensibilidade. Seu método reforça a necessidade de se aproximar do outro com atenção, disponibilidade e disposição ao afeto.

5.1. Pré-produção

A etapa inicial consistiu na escolha dos personagens. Por se tratar de um trabalho que parte dos encontros, foram selecionadas pessoas que atravessam a minha vida, amigos íntimos, conhecidos que se tornaram referência afetiva e sujeitos que tiveram suas histórias atravessadas e com quem compartilho cotidiano, espaços e histórias. Essa decisão metodológica

¹ Neste trabalho, adota-se a denominação *jornalismo narrativo*, compreendida como uma das múltiplas designações associadas ao que também é referido na literatura como *jornalismo literário*. A opção por essa nomenclatura busca enfatizar uma perspectiva mais abrangente do fazer jornalístico, que não se limita à incorporação de técnicas literárias à escrita da reportagem. Como pretende Marta Maia (2020) não se trata apenas de aplicar técnicas da literatura ao jornalismo, mas de levar em conta a construção de sentidos em um texto que valoriza a experiência e resulta de uma relação entre o jornalista e os personagens/sujeitos narrados. O conceito será aprofundado no capítulo destinado ao referencial teórico.

teve um propósito claro: permitir que as entrevistas operassem em uma zona de confiança mútua, em que perguntas mais profundas, subjetivas e vulneráveis pudessem emergir sem a rigidez de um protocolo formal.

Com base nisso, os roteiros de entrevista foram semi-abertos, com questões amplas que funcionavam mais como disparadores do que como trilhos fixos. Esse procedimento dialoga com Medina (1986), que defende a pergunta generosa, capaz de expandir e deslocar, em vez de fechar sentidos. Todas as entrevistas foram preparadas para que o entrevistado conduzisse o ritmo, o tom e os temas centrais, gerando um espaço discursivo mais autêntico.

5.2 Processo das entrevistas

As entrevistas ocorreram em diversos contextos: sentados em bares, dentro de ônibus, pintando ou descansando em uma cama. O método adotado não buscou controlar o ambiente ou cenário, mas acolher a vida em movimento. Um princípio caro a Marta Maia (2020), para quem o perfil é inseparável do cotidiano do perfilado e das atmosferas em que ele se revela. Além disso, o projeto objetiva reportar recortes, fragmentos dos perfilados.

Por conhecer profundamente as pessoas perfiladas, foi possível formular perguntas que ultrapassam a superfície: questões que acessam memória, corpo, afeto, espiritualidade, medo, desejo e rupturas. Essa profundidade não seria possível sem o vínculo, por isso, o trabalho assume o lugar liminar entre jornalismo e confessionalidade, sem perder o compromisso ético com a verdade da experiência.

Por serem pessoas próximas a mim, deve-se imaginar que os textos seriam de recortes felizes ou de festa, mas justamente pela proximidade entre entrevistador e entrevistado, foi possível visitar os lugares mais íntimos dos perfilados; morte do pai, xingamentos de ex-namorados e a não conclusão de um doutorado, foram temáticas abordadas durante as entrevistas, algo que pudesse captar aquele Outro que se apresenta.

5.3 Escrita e formas narrativas

O livro apresenta diferentes modos de narrar, conforme a singularidade de cada personagem. Alguns capítulos são escritos em terceira pessoa, assumindo um narrador que observa, descreve e compõe a cena com distanciamento. Outro, porém, assume a primeira pessoa, busca-se registrar a densidade afetiva que se instaurou no encontro. Há também textos construídos integralmente a partir das respostas por carta, preservando a voz direta do perfilado. Além disso, houve também casos de utilização de recursos como travessão, o que dá um tom mais íntimo e real ao escrito.

Essa multiplicidade de formas dialoga com a noção de que o perfil jornalístico é, acima de tudo, um gênero híbrido: mistura memória, testemunho, observação participante, entrevista aprofundada e literatura (Maia, 2020). Se jornalismo é entrevista, perfil, crônica, por que não usar tudo isso? Cada capítulo exigiu uma escolha estética diferente, sempre alinhada à pergunta central: qual forma melhor expressa essa pessoa e essa relação?

5.4. Análise e construção final

Após as entrevistas, o processo de análise envolveu a transcrição cuidadosa dos encontros e a organização dos núcleos temáticos emergentes, família, corpo, amor, fé, boemia, cidade, solidão, arte, incerteza. Em seguida, realizou-se a montagem narrativa, preservando silêncios, hesitações, pausas e expressões próprias de cada personagem, entendendo que a linguagem também é parte da identidade.

A metodologia, portanto, sustentou-se na escuta, na convivência, na observação lenta e na escrita ética, assumindo o risco, e a potência, de produzir um jornalismo feito no território íntimo.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

6.1 O livro-reportagem como ampliação do jornalismo

O presente trabalho se inscreve no campo do livro-reportagem-perfil, compreendido como uma ampliação das possibilidades narrativas do jornalismo.

Para Edvaldo Pereira Lima (1993), o livro-reportagem se constitui como uma forma de aprofundamento do fazer jornalístico, capaz de extrapolar os limites da notícia cotidiana e do tempo curto das redações. Em seu livro “Páginas Ampliadas”, o autor afirma que a reportagem em livro é o espaço onde o jornalismo pode desenvolver plenamente seu potencial narrativo, investigativo e humano.

Ao tratar do livro-reportagem-perfil, Lima destaca que o indivíduo narrado ultrapassa sua singularidade para se tornar representativo de um contexto social mais amplo: “A pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias da vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão” (Lima, 2014, p. 52). Essa perspectiva fundamenta diretamente a proposta de “Inquietos”, que, ao narrar trajetórias individuais, constrói um mosaico possível de experiências urbanas, afetivas e geracionais atravessadas pela cidade de Fortaleza.

Ainda segundo o autor, o livro-reportagem-depoimento, que pode ser uma das classificações deste trabalho, caracteriza-se por uma narrativa marcada pela proximidade com o sujeito e pela intensidade da experiência relatada:

Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido – geralmente com a assistência de um jornalista – ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Apreende-se, daí, que o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada (Lima, 2014, p. 52).

Em “Inquietos”, essa dimensão aparece especialmente nos capítulos em primeira pessoa, nas cartas e nos trechos em que a voz do Outro se impõe como centro da narrativa.

6.2 Jornalismo e literatura: aproximações e tensões

A escolha pelo livro-reportagem também se justifica pela histórica aproximação entre jornalismo e literatura. Lima observa que “de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário” (Lima, 2014, p. 173). Para o autor, jornalismo e literatura compartilham, desde os primórdios da imprensa moderna, o gesto da escrita: “Entre o jornalismo e literatura havia em comum, nesses tempos pioneiros da era moderna, o ato da escrita” (Lima, 2014, p. 173).

No entanto, essa apropriação não ocorre sem transformações. O jornalismo incorpora recursos literários, mas os reconfigura conforme suas próprias demandas éticas e factuais: “O jornalismo absorve assim elementos do fazer literário, mas, camaleão, transforma-os, dá-lhes aproveitamento direcionado a outro fim” (Lima, 2014, p. 177). Assim, o livro-reportagem não se confunde com a ficção, mas ocupa um espaço intermediário, como aponta Lima ao identificar três categorias de obras: “as puramente de ficção; as jornalísticas, que se apropriam dos recursos literários apenas para reportar melhor a realidade; e as que mesclam a ficção e o factual” (Lima, 2014, p. 180).

Por ser um livro-reportagem-perfil, mostra-se importante lembrar que, de acordo com Marta Maia,

O perfil se aproxima da literatura porque o fio condutor não segue, necessariamente, um acontecimento, já que temos uma situação em que a narrativa é tecida, especialmente, a partir da/do personagem em evidência. Como estamos lidando com sujeitos, temos uma elevação do nível de subjetividade a patamares que, algumas vezes, são inalcançáveis, mas nem por isso intangíveis. (Maia, 2020. pág 93.)

Essa compreensão é fundamental para situar “Inquietos” como uma

obra jornalística que se vale da linguagem literária para aprofundar a escuta, o tempo do encontro e a complexidade dos sujeitos, sem abdicar do compromisso com o real, como exigido pelo jornalismo.

6.3 Subjetividade e imersão: contribuições do New Journalism

Ao discutir o *New Journalism*², Lima destaca a centralidade da subjetividade e da imersão do repórter no real. Segundo o autor, “o novo jornalismo traz à luz dos holofotes o mesmo timbre comum de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade” (Lima, 2014, p. 195). Nesse modelo, a objetividade tradicional é tensionada pela presença sensível do jornalista: “À objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” (Lima, 2014, p. 195).

Nesse sentido, o *New Journalism* propõe uma reconfiguração do papel do jornalista, que deixa de ocupar uma posição distanciada para assumir uma presença ativa no processo narrativo. A apuração passa a envolver longos períodos de observação, convivência e escuta, permitindo que a realidade seja apreendida em sua complexidade simbólica e sensível. Conforme analisa Lima (2014), essa imersão não implica abandono do rigor factual, mas uma ampliação das formas de apreensão do real, nas quais a experiência do repórter se torna elemento constitutivo da narrativa, contribuindo para a produção de sentidos mais densos e humanizados.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a escrita de “Inquietos”, em que o narrador assume sua posição no mundo, explicita seus afetos e reconhece que todo encontro produz marcas mútuas entre quem pergunta e quem é perguntado.

6.4 Perfis jornalísticos e narrativas do eu

² O *New Journalism* foi um movimento que ganhou destaque nos Estados Unidos a partir das décadas de 1960 e 1970, caracterizado pela aproximação entre jornalismo e recursos narrativos tradicionalmente associados à literatura. No Brasil, o movimento ficou conhecido como *Novo Jornalismo* e influenciou práticas que buscavam maior profundidade descritiva, atenção aos personagens e valorização da cena e da experiência. Entre seus principais expoentes estão Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote, autores cujas produções tensionaram os limites entre reportagem factual e escrita literária, sem abdicar do compromisso com a realidade.

A reflexão sobre o perfil jornalístico é aprofundada por Marta Regina Maia, para quem os perfis operam a partir de recortes específicos da vida de um sujeito: “Perfis tratam o indivíduo a partir de alguns recortes específicos” (Maia, 2020, p. 39). Essa liberdade temática permite narrar vidas que não necessariamente protagonizam grandes acontecimentos públicos, mas que são atravessadas por experiências significativas: “estamos falando sobre sujeitos que seguem suas vidas cotidianas, mas nem por isso menos significativas do que outras” (Maia, 2020, p. 43).

Por serem retratados no livro fragmentos de memórias que compõem o texto é importante lembrar o que Marta Maia escreve:

Tradicionalmente, o jornalismo utiliza as fontes como forma de atestar veracidade às informações. Entretanto, estamos falando de outro tipo de narrativa, aquela em que a “fonte” também pode ser testemunha. Nesse caso, a dimensão interacional e a perspectiva da escrita apontam para outra direção, visto que o jornalista não está preocupado apenas com o “fato”, mas com as histórias relatadas durante a entrevista.” (Maia, 2020. pág 44)

Fabiana Moraes reforça essa dimensão ética e relacional do perfil ao afirmar que escrever sobre o outro implica troca: “Deixar-se impregnar pelo outro, deixar que esse outro também leve um tanto de quem pergunta” (Moraes, 2020, p. 14). Para a autora, a escrita de perfis pode romper estereótipos ao inscrever a pluralidade identitária: “a escrita de um perfil pode romper com estereótipos historicamente apresentados pelo poder constituído” (Moraes, 2020, p. 37).

Nesse sentido, os perfis presentes em “Inquietos” assumem a subjetividade como componente constitutivo da narrativa, reconhecendo que “estamos falando sobre sujeitos que estão pronunciando-se sobre vidas

humanas e, portanto, passíveis de subjetividades” (Maia, 2020, p. 43). Além disso,

Se o acontecimento jornalístico expressa aquilo que rompe a normalidade, aquilo que afeta os sujeitos e pode indicar novas possibilidades, no caso específico de perfis, temos uma liberdade temática que extrapola o próprio acontecimento jornalístico, na medida em que estamos falando sobre sujeitos que podem ter realizado alguma ação de grande repercussão, mas estamos, igualmente, falando sobre sujeitos que seguem suas vidas cotidianas, mas nem por isso menos significativas do que outras. (Maia, 2020, p. 43).

6.5 A entrevista como encontro e escuta

A metodologia de escuta adotada no livro dialoga diretamente com Cremilda Medina, para quem a entrevista ultrapassa o caráter instrumental e se configura como relação. Em “Entrevista: o diálogo possível”, a autora compreende a entrevista como espaço de troca, conflito e construção conjunta de sentidos. Essa concepção se aproxima da ideia de que o jornalista não busca apenas o fato, mas a experiência narrada, como aponta Maia: “o jornalista não está preocupado apenas com o ‘fato’, mas com as histórias relatadas durante a entrevista” (Maia, 2020, p. 44).

Essa escuta exige abertura ao imponderável, como lembra Fabiana Moraes: “É necessário estar aberto ao imponderável, às dimensões inefáveis do ser humano” (Moraes, 2020, p. 103). Em “Inquietos” a entrevista se constrói nesse território de confiança, tempo dilatado e convivência, possibilitando narrativas que não se encerram em respostas objetivas, mas se desdobram em silêncios, memórias e afetos.

6.6 Jornalismo literário, ética e risco

Felipe Pena contribui para esse debate ao compreender o jornalismo literário como um gesto de ousadia, associado à disposição de enfrentar o desconhecido e tensionar os limites do fazer jornalístico tradicional. Para o autor, “a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer” (Pena, 2006, p. 25).

Nesse sentido, o jornalismo literário se caracteriza pela busca de narrativas aprofundadas, pela valorização da linguagem, pela atenção aos detalhes e pela construção de textos que se afastam da lógica estritamente informativa, assumindo o compromisso com a complexidade do real. Trata-se, portanto, de um movimento que exige do jornalista a disposição para “transpor limites, superar barreiras, ousar” (Pena, 2006, p. 25).

Assim, embora este trabalho dialogue diretamente com os pressupostos do jornalismo literário, opta-se pela denominação de jornalismo narrativo por compreender que ela abarca de forma mais ampla as práticas aqui mobilizadas. Mais do que a aplicação de técnicas literárias à reportagem, o jornalismo narrativo enfatiza os processos de construção de sentido, a centralidade da experiência e a relação estabelecida entre o jornalista e os sujeitos narrados. Essa escolha conceitual permite pensar a narrativa jornalística não apenas como forma estética, que é política, mas como resultado de uma prática relacional, ética e interpretativa, na qual a escuta, a imersão e a mediação do real se tornam elementos constitutivos do texto.

Assim, o referencial teórico que sustenta “Inquietos” aponta para um jornalismo que reconhece a subjetividade, valoriza o encontro e entende a escrita como marca de quem narra. Como afirma Maia, “as narrativas do eu [...] expõem as marcas de quem escreve” (Maia, 2020, p. 101). É nesse espaço de risco, escuta e afetação que o livro se constrói como projeto jornalístico, ético e humano.

7. CRONOGRAMA

Para a elaboração do livro-reportagem, momentos foram estabelecidos para a produção acontecer de forma organizada e sem atrasos.

Produção	Período
Leitura sobre o tema	Julho e agosto de 2025
Marcação de entrevistas	Setembro, outubro e novembro de 2025
Escrita	Setembro, outubro e novembro de 2025
Diagramação	Dezembro de 2025
Apresentação/Defesa do TCC	Janeiro de 2026

8. PROJETO GRÁFICO

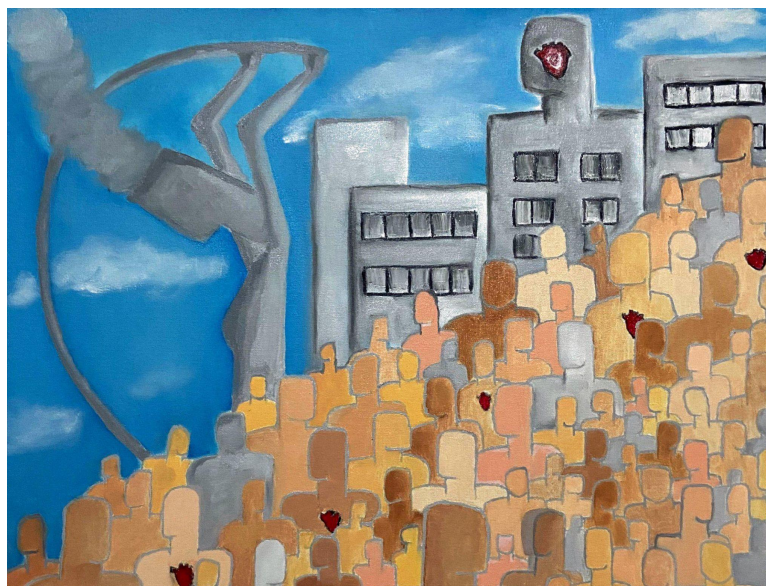
8.1 Identidade e estruturação

O projeto gráfico de “Inquietos” parte da intenção de transformar visualmente aquilo que o livro narra: encontros, afetos, atravessamentos e uma cidade que participa das histórias tanto quanto as pessoas retratadas. A materialidade gráfica busca expressar, antes de tudo, a sensibilidade do livro-reportagem; um jornalismo que se constrói pela escuta atenta, pela intimidade e pela dimensão humana dos perfis. Assim, o design não é apenas um invólucro estético, mas uma camada narrativa.

8.2 Capa

A capa, criada por Allan César, é o primeiro convite a essa leitura. Inspirada na obra “Operários”, de Tarsila do Amaral, ela desloca a multidão para o cenário urbano de Fortaleza, onde os inquietos se espalham entre prédios, janelas, sombras e presenças. A cidade inteira se torna personagem. É possível identificar, no canto esquerdo, a figura da Iracema Guardiã, de Zenon Barreto, estatutária e simbólica, que observa silenciosamente a multidão, como se a própria Fortaleza fosse testemunha das histórias contadas. Os tons variados das

figuras humanas sugerem diversidade, movimento e multiplicidade de vivências.



A imagem que estampa a capa é um quadro a óleo que tem como referência o quadro "Operários" (1933) de Tarsila do Amaral.

Entre essa multidão, cinco personagens possuem um detalhe que os diferencia: corações abertos. Esse recurso visual atua como marca afetiva e narrativa, são personagens que se expõem, que entregam algo de si, que se permitem atravessar e ser atravessados. O coração aberto é metáfora de vulnerabilidade, mas também de potência, ecoando o gesto do livro de revelar o íntimo com cuidado e amor.

Além disso, o coração aberto é uma marca que uso em minhas redes há muitos anos. Esse coração aberto com uma espiral no centro.



Obra de artista desconhecido é o que inspira o coração aberto dos inquietos no quadro.

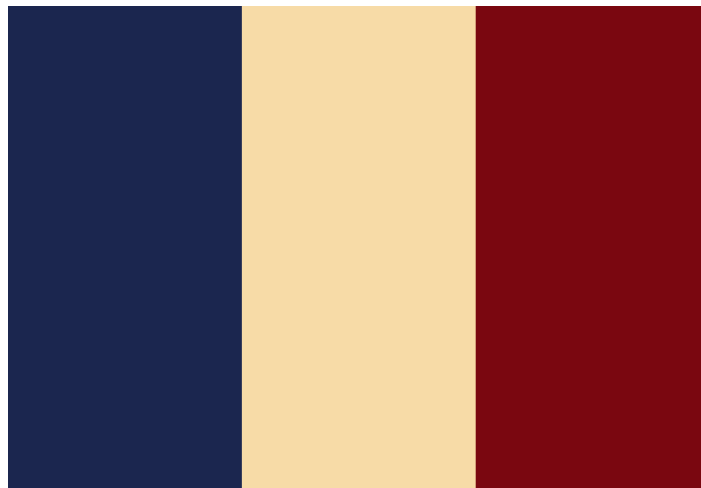
8.3 Paleta de cores

A paleta cromática, escolhida para sustentar a identidade visual da obra, articula três cores principais: azul profundo, bege quente e vinho intenso.

O azul remete à noite, ao silêncio, ao recorte urbano melancólico das memórias, uma cor que embala o tom confessional e sensorial do livro.

O bege funciona como espaço de respiro, uma superfície neutra que acolhe texto, imagens e pausas, lembrando o papel, o corpo e a luz.

Já o vinho opera como acento emocional: cor do coração, do sangue, do afeto que pulsa. Juntas, as três cores criam equilíbrio entre sobriedade e emoção, conferindo uma atmosfera ao mesmo tempo urbana, humana e afetiva.



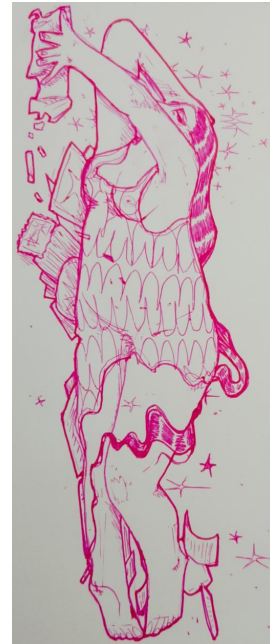
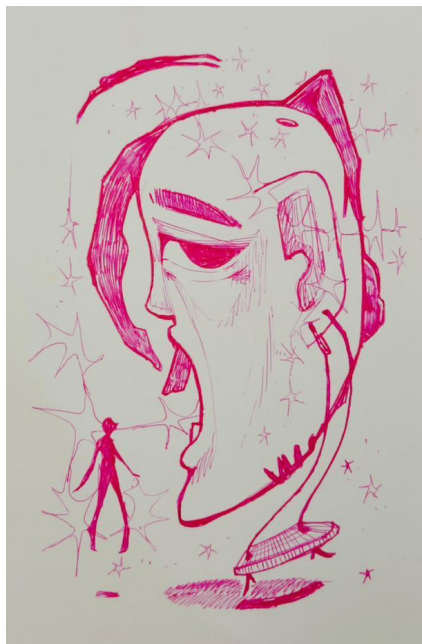
As cores são, segundo o site Coolors.co, “Space Indigo”, “Soft Peach” e “Dark Wine”, da esquerda para direita..

8.4 Ilustrações

As ilustrações de Gabriel Azevedo aprofundam essa atmosfera. Feitas com traço orgânico, irregular e expressivo, elas dialogam com a dimensão subjetiva dos perfis. O uso predominante da cor magenta, intensa, vibrante, quase pulsante, reforça a ideia de interioridade e desejo.

O traço é rápido, quase impulsivo, como se desenhasse as inquietações antes que elas fugissem. São figuras alongadas, corpos que se distorcem, rostos que se abrem, bocas que gritam, mãos que seguram memórias.

Os desenhos parecem capturar o instante emocional, não o realismo anatômico. Essa distorção intencional conecta-se ao modo como cada personagem habita seus próprios afetos: entre exageros, medos, tensões e curvas.



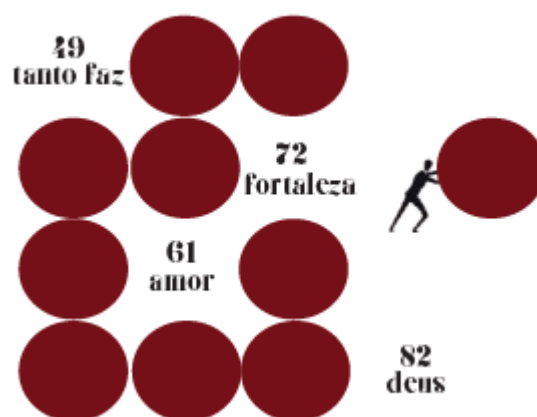
Estes são dois desenhos, dos sete, que compõem o livro. Sendo o primeiro referente ao prólogo e o segundo referente ao perfil “Vanessa (da incerteza) (do tanto faz) (da família).”

Há também uma dimensão artesanal evidente. As ilustrações não tentam suavizar suas imperfeições: elas assumem riscos, rabiscos, variações de pressão, pequenas falhas. Todas elas coerentes com o espírito inquieto que dá nome ao livro. Cada desenho funciona como uma leitura paralela dos personagens, não um retrato, mas uma interpretação afetiva.

8.5 Sumário e Círculos Sociais

O sumário de “Inquietos” foi concebido como uma representação gráfica dos círculos sociais que atravessam o livro. Cada conjunto de círculos corresponde a um campo de convivência, afeto e pertencimento, espaços simbólicos onde os personagens se encontram, se reconhecem e constroem sentidos compartilhados, como a amizade, o amor, a cidade, a boemia e a espiritualidade.

A organização não segue uma lógica linear ou hierárquica, mas relacional: os capítulos se dispõem como núcleos que se tocam, se sobrepõem e coexistem, assim como os vínculos humanos.



Parte do sumário do livro.

O último elemento, referente a “John (de Deus)”, aparece deslocado desses círculos. Essa escolha gráfica não é aleatória, mas narrativa. John é o amigo que saiu mais cedo da festa, aquele cuja história não pôde ser contada em forma de perfil, tornando-se presença pela ausência.

Ao posicioná-lo fora dos círculos, o projeto gráfico materializa visualmente essa condição: ele não está dentro do agrupamento porque sua trajetória foi interrompida, mas permanece próximo o suficiente para ainda afetar todos os outros. O sumário, assim, antecipa o gesto ético do livro, reconhecer que nem todas as histórias podem ou devem ser narradas, e transforma o silêncio, a falta e o afastamento em linguagem visual.

8. 6 Tipografia

Na tipografia, o projeto gráfico busca unir elegância, legibilidade e personalidade. O título usa a fonte Giaza, cujo desenho serifado, curvilíneo e sofisticado evoca tradição e afetividade, funcionando como elemento visual marcante na capa.

O contraste entre a gordura das serifas e a leveza das curvas coloca o livro entre a reportagem e a sensibilidade literária, marcando seu lugar na fronteira entre jornalismo e escrita autoral.

Para o corpo do texto, a escolha da Merriweather traz conforto e legibilidade, uma fonte pensada para leitura contínua, estável e convidativa. Seu

desenho equilibrado reforça o caráter humanista da narrativa e permite que os perfis fluam de maneira natural, sem criar ruídos visuais. A tipografia, aqui, funciona como espaço de repouso para o leitor em meio às intensidades emocionais dos relatos.

O conjunto, capa, ilustrações, paleta cromática, sumário e tipografias, constrói uma identidade visual coerente com o tom do livro. “Inquietos” se apresenta como obra que respira afetos, histórias e cidade. O projeto gráfico participa da narrativa, traduz visualmente sensações que o texto evoca, e reafirma a dimensão humana da reportagem. É um livro que se deixa ver, sentir e tocar; porque também é feito de presenças, de escutas e de encontros.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se encerra sem a pretensão de fechar sentidos. “Inquietos: fragmentos sensíveis de encontros” nasce e se conclui como um gesto aberto, atravessado pela consciência de que toda narrativa sobre o Outro é sempre parcial, provisória e situada. Não se busca uma síntese definitiva, mas a elaboração do percurso vivido ao longo da produção deste livro-reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao escolher o encontro como objeto, método e resultado, este projeto reafirma uma concepção de jornalismo que se afasta da pressa, da espetacularização e da neutralidade ilusória. O livro demonstra que o jornalismo de perfis, quando praticado com tempo, escuta e implicação, é capaz de produzir conhecimento sensível sobre a cidade, os vínculos e as formas contemporâneas de existir. Fortaleza, aqui, não aparece como pano de fundo, mas como território vivo, afetivo e simbólico, inscrito nos corpos, nos deslocamentos e nas memórias dos personagens.

O formato livro-reportagem se mostrou não apenas adequado, mas necessário. Como aponta Edvaldo Pereira Lima (1993), a reportagem em livro

amplia os limites do jornalismo ao permitir profundidade, contexto e elaboração narrativa. “Inquietos” confirma essa potência ao sustentar histórias que não caberiam no espaço reduzido de uma matéria jornalística convencional. O livro oferece tempo para o silêncio, para a contradição e para a dúvida.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho reafirma a entrevista como encontro possível, conforme proposto por Cremilda Medina (1986). As conversas que deram origem aos capítulos não foram apenas instrumentos de coleta, mas espaços de convivência, afetação e produção de sentido compartilhado. O vínculo prévio com os perfilados, longe de comprometer a ética jornalística, revelou-se um elemento central para o aprofundamento das narrativas. Esse aspecto tensiona modelos clássicos de distanciamento profissional e aponta para um jornalismo relacional, em que a confiança e a escuta atenta são fundamentos do rigor.

A diversidade de formas narrativas, primeira pessoa, terceira pessoa, cartas, fragmentos, reforça a compreensão do perfil como gênero híbrido, tal como discutido por Marta Regina Maia (2020). O livro não busca homogeneidade estilística, mas coerência ética: a forma escolhida em cada capítulo responde à pergunta sobre como narrar sem violentar, simplificar ou reduzir o Outro.

A decisão de não escrever o perfil de John, apresentada no epílogo, constitui um dos gestos mais significativos do trabalho. Ao assumir o silêncio como escolha jornalística, o projeto afirma que nem toda história deve ser contada, e que o respeito aos limites do Outro também é produção de sentido. Essa ausência tensiona expectativas narrativas e reforça uma ética do cuidado, em consonância com as reflexões de Fabiana Moraes (2015) sobre subjetividade, implicação e responsabilidade na escrita de perfis.

O projeto gráfico, por sua vez, mostrou-se parte indissociável da narrativa. A capa, as ilustrações, a paleta cromática e a tipografia não operam como ornamentos, mas como camadas de sentido que dialogam diretamente com o conteúdo textual. A cidade, os corpos inquietos, os corações abertos e as cores

escolhidas traduzem visualmente aquilo que o livro propõe: um jornalismo sensível, urbano e afetivo. Assim, o produto final se apresenta como obra integrada, em que forma e conteúdo se atravessam mutuamente.

No âmbito da formação acadêmica, este trabalho representou mais do que a conclusão de um curso. Foi um espaço de experimentação, risco e amadurecimento profissional e pessoal. Ao assumir a subjetividade como elemento constitutivo do processo jornalístico, “Inquietos” reafirma que o jornalista também é sujeito da narrativa, atravessado por memórias, afetos e escolhas. Essa implicação não diminui o rigor; ao contrário, exige maior responsabilidade ética e reflexiva.

Por fim, este livro-reportagem se inscreve como defesa de um jornalismo que escuta, que permanece e que aceita não compreender rápido demais. Um jornalismo que reconhece que narrar vidas é também uma forma de preservá-las. Inquietos não oferece respostas prontas, mas compartilha fragmentos de existência, apostando que, ao ler o outro, o leitor possa também se encontrar. É nesse espaço entre o eu, o outro e a cidade que o trabalho se sustenta, como exercício de escrita, de escuta e de humanidade.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BERNARDI, Tati (apresentadora). **Meu inconsciente coletivo**. Brasil: Folha de S. Paulo / UOL, 2021–presente. Podcast.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

FREUD, Sigmund. **O poeta e o fantasiar**. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar**. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12.

HILST, Hilda. **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Cultura, 1980.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MAIA, Marta Regina. **Perfis no jornalismo: narrativas em composição**. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Buenos Aires: Sudamericana, 1967.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral**. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204–219, jan./jun. 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. In: *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012.